



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

**SILENE LAZARITO ALVES**

**OURICURI: PRODUÇÃO ARTESANAL E TURISMO EM ALAGAMAR -  
PIRAMBU/SE**

ARACAJU  
2020

SILENE LAZARITO ALVES

**OURICURI: PRODUÇÃO ARTESANAL E TURISMO EM ALAGAMAR -  
PIRAMBU/SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo do Instituto Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Turismo.

Linha de Pesquisa: Gestão de Turismo de Base Comunitária

Orientador: Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira

ARACAJU  
2020

SILENE LAZARITO ALVES

**OURICURI: PRODUÇÃO ARTESANAL E TURISMO EM ALAGAMAR -  
PIRAMBU/SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo do Instituto Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Turismo.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Orientador: **Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira**  
(Presidente)  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

---

1º Examinador: **Prof. Dr. Denio Santos Azevedo**  
(Membro Interno)  
Instituto Federal de Sergipe - IFS

---

2º Examinador: **Prof. Dr. Lindolfo Alves do Amaral Filho**  
(Membro Externo)  
Universidade Federal de Sergipe - UFS

## CESSÃO DE DIREITOS

É concedido ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo (PPMTUR) do Instituto Federal de Sergipe (IFS) responsável pelo Curso de Mestrado Profissional em Turismo a permissão para disponibilizar, reproduzir, emprestar ou vender cópias desse trabalho. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte dessa dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

---

Silene Lazarito Alves  
Instituto Federal de Sergipe - IFS

---

Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira  
Instituto Federal de Sergipe - IFS

Dedico este trabalho aos entes queridos que estão a cuidar da minha evolução espiritual e profissional, à família amada, especialmente minhas irmãs, mulheres exemplos de sabedoria, amorosidade, cuidado e respeito.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Instituto Federal de Sergipe - IFS, pela oportunidade de conceder o mestrado aos alunos interessados, através do Programa Profissional do Mestrado em Turismo - PPMTUR.

À reitora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Sales, uma amiga que acredita no meu sucesso e faz questão de mencionar que me percebe com coragem e determinação.

Ao Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira, meu orientador querido, pelas contribuições e valiosas sugestões, pela confiança, amizade, paciência e orientação para aperfeiçoamento do trabalho.

Ao Prof. Dr. Denio Santos Azevedo, por ser aquele mestre que acredita, tranquiliza, orienta e faz parte da torcida.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elena Leon Olave, pela sabedoria e delicadeza em expressar suas considerações e sugestões para o aprimoramento do trabalho, na ocasião da qualificação.

Ao Prof. Dr. Jaime, pelo incentivo e amizade construída há alguns bons anos.

A Prof.<sup>a</sup> Irinéia, pela disponibilidade, preocupação e amizade.

Ao Prof. Me. Ivan Rêgo, pelo acerto de me dizer que deveria ir para seleção do mestrado, pois foi grande incentivador para essa realização.

À Prof.<sup>a</sup> e amiga Marta Virgínia Ávila Nascimento, pelo apoio e carinho, pela amizade sincera, além da paciência e disponibilidade.

Aos professores do mestrado, Fabiana, Braghini, Wellington, Irinéia e Mary Nadjá.

As colegas do mestrado, com os quais convivi durante o curso, Fabiana, Leylane, Lais, Eliane, Mônica, Estefani, Waleska, Lara, Dalila e Rosângela, pela troca de experiências e conhecimentos. Cada uma teve sua importância em momentos diferentes.

Aos funcionários e estagiários do PPMTUR, em nome de Eunice Filha abraço a todos, pela colaboração e cuidado.

Às estagiárias Leandra e Laiza, que acompanharam a pesquisa de campo e foram colaboradoras. A presença delas se deu a partir das submissões e aprovações dos editais PIBITI/DINOVE/IFS/EDITAL09/2018 EDITAL/PIBIC/Nº06/NOV/2018/PROPEX/IFS, sob orientação e parceria do querido orientador Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira.

À escritora e historiadora, Ana Medina Fonseca, pela longa amizade e disponibilidade para conversar, entender e, sobretudo, assinar o prefácio do catálogo, produto da pesquisa.

Ao amigo Alysson Prado, pela admiração mútua e uma parceria de diálogos, colaboração e alegria.

À amiga irmã Lígia, por se fazer presente e incentivar essa jornada.

À Joelma Galvão, pela colaboração e força dada no princípio desse projeto.

Aos meus irmãos, principalmente às mulheres, pelo apoio incondicional, especialmente Silvana Jandira Alves que, para além de companheira de pesquisa, foi minha patrocinadora até que eu fosse contemplada com uma bolsa.

Às minhas sobrinhas e amigas, pela força e crença depositadas na minha capacidade.

À amiga Edvânia Santos, pelos momentos de diálogos, companhia e colaboração.

Ao amigo Maykon Julivans, pela generosidade e carinho com que acolheu o trabalho. Meu piloto remoto preferido.

À cunhada e amiga Ana de Fátima Aribé Alves, pela parceria, generosidade, cumplicidade e pelo carinho de colaborar.

À amiga Ana Raquel, pelos importantes diálogos e colaborações.

Ao amigo querido Alexandre Almeida, por tudo que conseguimos construir juntos pela sintonia e alegria que temos em nossos encontros de trabalho. E quando fala em criação é com ele!

À amiga Sandra Helena, pela criatividade e dedicação no desempenhar da sua arte para juntas compormos o produto final deste trabalho.

Ao amigo Antônio Carlos, pela delicadeza de colaborar, ser parceiro além das dicas.

À amiga Danielle Antunes, pela amizade e apoio na jornada, além do estímulo, dicas, ajuda e correção do trabalho.

À querida Gilva, senhora que conheci e colaborou com sua sabedoria na língua portuguesa, principalmente na ocasião da qualificação.



*A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.*

Arthur Schopenhauer

## RESUMO

Esta pesquisa vem apresentar um estudo referente ao modo de vida sobre o ofício de ser artesão no povoado Alagamar, município de Pirambu, estado de Sergipe. Evidencia o trabalho artesanal em fibra vegetal de Ouricuri, uma tradição entre as famílias da região de Alagamar que, além de ser uma importante alternativa por incrementar a geração de trabalho e renda, valoriza a qualificação do fazer artesanal por mulheres e a sua importância, através de seus saberes e fazeres na referida comunidade. Desta forma, a pesquisa teve como objetivo geral: elaborar um catálogo promocional e turístico da produção artesanal comunitária do povoado Alagamar, em Pirambu/SE. Para alcançar o objetivo geral proposto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) conhecer o grupo de artesãos e papéis desenvolvidos no artesanato de Alagamar; (ii) descrever o processo social do trabalho para a produção da artefaria; (iii) Identificar o papel do poder público no turismo de Pirambu, especificamente em relação ao artesanato feito em Alagamar; (iv) observar o impacto do artesanato na sustentabilidade social, econômica e ambiental; e (v) propor ações para fortalecer as relações entre turismo e produção artesanal no povoado Alagamar. Como metodologia, foram adotadas: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo com observação sistemática, oficinas e aplicação de entrevistas. Quanto aos principais resultados, percebeu-se que a comunidade de Alagamar tem na produção artesanal, associada à agricultura e à pesca, a sua principal fonte de renda. Além disso, é um ofício exercido em sua maioria por mulheres. No tocante ao produto final, proposto como resultado desta pesquisa, foi elaborado o catálogo intitulado “Mãos que Trançam”, como instrumento de divulgação da cultura artesanal do referido povoado, bem como elemento motivador para subsidiar políticas de incentivo turístico para região e, conseqüentemente, estímulo ao desenvolvimento sustentável.

**Palavras-chave:** Artesanato. Produção Artesanal. Turismo. Cultura. Comunidade. Desenvolvimento Sustentável.

## ABSTRACT

This research presents a study about the way of life about the craft of being an artisan, in Alagamar village in Pirambu, Sergipe State. Evidence, the craft fiber work of Ouricuri, a tradition among families in the region of Alagamar that besides being an important alternative, by increasing the generation of work and income, values the qualification of craft making by women and its importance, through their knowledge and doings in that community. Thus, the research had as general objective: to elaborate a promotional and tourist catalog of the community artisanal production of the Alagamar village, in Pirambu / SE. To achieve the proposed objective, the following specific objectives were established: (i) to know the group of artisans and roles developed in the handicrafts of Alagamar; (ii) describe the social process of work for the production of craftsmanship; (iii) identify the role of the public power in Pirambu tourism, specifically in relation to handicrafts made in Alagamar; (iv) observe the impact of handicrafts on social, economic and environmental sustainability; and (v) propose actions to strengthen the relationship between tourism and artisanal production in the Alagamar village. As methodology, were adopted: bibliographic research, field research with systematic observation, workshops and interviews. As for the main theoretical results, it was noticed that the community of Alagamar has in the artisanal production, associated with agriculture and fishing, its main source of income. Also, it is a craft exercised mostly by women. Regarding the final product, proposed as a result of this research, a catalog was prepared entitled: "Hands that Braid", as an instrument of dissemination of the artisan culture of the village, as well as a motivating element to subsidize tourism incentive policies for the region and consequently stimulating the sustainable development.

**Keywords:** Handicraft. Artisanal production. Tourism. Culture. Community. Sustainable development.

## RESUMEN

Esta investigación presenta un estudio sobre la forma de vida sobre el oficio de ser artesano, en la aldea de Alagamar en Pirambu, estado de Sergipe. La evidencia, el trabajo artesanal de fibra de Ouricuri, una tradición entre las familias de la región de Alagamar que además de ser una alternativa importante, al aumentar la generación de trabajo e ingresos, valora la calificación de la artesanía de las mujeres y su importancia, a través de sus conocimientos y acciones en esa comunidad. Así, la investigación tuvo como objetivo general: elaborar un catálogo promocional y turístico de la producción artesanal comunitaria del pueblo de Alagamar, en Pirambu / SE. Para lograr el objetivo propuesto, se establecieron los siguientes objetivos específicos: (i) Conocer el grupo de artesanos y roles desarrollados en la artesanía de Alagamar; (ii) describa el proceso social de trabajo para la producción de artesanía; (iii) Identificar el papel del poder público en el turismo de Pirambu, específicamente en relación con las artesanías hechas en Alagamar; (iv) observar el impacto de las artesanías en la sostenibilidad social, económica y ambiental; y (v) proponer acciones para fortalecer la relación entre el turismo y la producción artesanal en el pueblo de Alagamar. Como metodología, se adoptaron: investigación bibliográfica, investigación de campo con observación sistemática, talleres y entrevistas. En cuanto a los principales resultados teóricos, se observó que la comunidad de Alagamar tiene en la producción artesanal, asociada a la agricultura y la pesca, su principal fuente de ingresos. Además, es un oficio ejercido principalmente por mujeres. Con respecto al producto final, propuesto como resultado de esta investigación, se preparó un catálogo titulado: “Manos que trenzan”, como instrumento de difusión de la cultura artesanal del pueblo, así como un elemento motivador para subsidiar las políticas de incentivos turísticos para la región y, en consecuencia, estimular el desenvolvimiento sustentable.

**Palabras clave:** Artesanía. Manualidades. Producción artesanal. Turismo Cultura Comunidad Desenvolvimiento sustentable.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa Cartográfico do Brasil com localização do Estado de Sergipe e do Município de Pirambu.....	18
Figura 02 – Mapa do município de Pirambu, SE, contendo localização dos povoados com destaque para Alagamar. ....	19
Figura 03 – Instrumentos Legais e de Gestão dos Municípios do Polo dos Coqueirais .....	40
Figura 04 – Fotografia Aérea do Povoado Alagamar .....	49
Figura 05 – Categorias e Dimensões de Análise.....	51
Figura 06 – Grupo de artesãs durante a realização da oficina .....	52
Figura 07 – Comunidade de artesãs reunida a participar da oficina .....	52
Figura 08 – Extração da fibra do Ouricurizeiro no campo.....	54
Figura 09 – Moradora com feixe de palha extraída do Ouricurizeiro .....	54
Figura 10 – Palha exposta na calçada para iniciar a amarração e secagem .....	54
Figura 11 – Palha amarrada e preparada para secagem .....	54
Figura 12 – Artesã no trançado do viés.....	55
Figura 13 – Rolos de viés já trançados .....	55
Figura 14 – Instrumentos que ordenam e dão acabamento ao artesanato .....	56
Figura 15 – Molde de madeira para confeccionar o chapéu .....	56
Figura 16 – Artesã a realizar a trança do viés .....	57
Figura 17 – Artesã a trabalhar peça artesanal em molde provisório de papel .....	57
Figura 18 – Exposição da diversidade de produtos artesanais.....	58
Figura 19 – Artesanato exposto no interior de residência no povoado Alagamar .....	58
Figura 20 – Grupo de artesãs com seus trançados em mãos .....	59
Figura 21 – Peças expostas nas calçadas das artesãs .....	59
Figura 22 – Peças prontas para venda trançadas em ponto aberto .....	60
Figura 23 – Peça pronta para venda trançada em ponto fechado .....	60
Figura 24 – Mandalas trançadas da palha e criada pelo representante masculino...	61
Figura 25 – Técnica de trançado para cestaria no povoado de Alagamar .....	63
Figura 26 – Principais influências sobre o aprendizado do ofício de artesã (o) .....	64
Figura 27 – Artesã experiente nas participações em eventos turísticos .....	66
Figura 28 – Artesã no trançado .....	66
Figura 29 – Percentual de mulheres e homens na cadeia produtiva .....	67

Figura 30 – Praça do Povoado Alagamar – Igreja São Sebastião .....	70
Figura 31 – Momento integrativo para pensar o artesanato com vistas ao turismo ..	72

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AMPA</b>	Associação de Moradores do Povoado Alagamar
<b>APL</b>	Arranjo Produtivo Local
<b>BB</b>	Banco do Brasil
<b>BNB</b>	Banco do Nordeste
<b>EMBRATUR</b>	Empresa Brasileira de Turismo
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ICMBio</b>	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
<b>MINC</b>	Ministério da Cultura
<b>MTur</b>	Ministério do Turismo
<b>PDITS</b>	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
<b>REBIO</b>	Reserva Biológica
<b>SEBRAE</b>	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>SECOM</b>	Secretaria de Comunicação de Pirambu
<b>TBC</b>	Turismo de Base Comunitária
<b>UC</b>	Unidade de Conservação
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
1.1 Cultura, Artesanato e Turismo: a valorização identitária de uma comunidade....	25
1.2 A Participação das Mulheres no Artesanato e a Contribuição para o Turismo ...	29
1.3 A Interface das Comunidades Rurais e o Desenvolvimento Sustentável do Turismo Local .....	32
1.4 A Relação entre Poder Público, Comunidade e Artesanato .....	36
2 ESTRUTURA METODOLÓGICA .....	42
2.1 Caracterização da Pesquisa.....	43
2.2 Descrição do Ambiente de Estudo .....	47
2.3 Etapas da Pesquisa .....	49
3 PROCESSO SOCIAL DE PRODUÇÃO DO ARTESANATO .....	53
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	62
4.1 O Papel das Mulheres no Artesanato de Alagamar .....	64
4.2 O Processo de Extração da Fibra Vegetal do Ouricuri à Produção da Artesania	68
4.3 O Impacto do Artesanato na Sustentabilidade Social, Econômica e Ambiental ..	68
4.4 O Papel do Poder Público no Turismo de Pirambu .....	69
4.5 Ações de Fortalecimento das Relações entre Turismo e Produção Artesanal no Povoado Alagamar .....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	73
REFERÊNCIAS .....	76
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista .....	81
APÊNDICE 2 – Roteiro de Observação .....	86
APÊNDICE 3 – Carta de Anuência para Autorização de Pesquisa .....	88
APÊNDICE 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE).....	89
APÊNDICE 5 – Lista de Presença .....	91



## INTRODUÇÃO

Considerado como uma das maiores atividades econômicas do mundo, o turismo é de suma importância em várias localidades por representar uma fonte de investimento, renda e economia. Conhecer o local e identificar suas características físicas e culturais é muito importante para o desenvolvimento histórico e social de uma comunidade, pois movimenta a economia e beneficia várias instâncias de uma região o que viabiliza seu crescimento e desenvolvimento.

Identificado como um elemento integral do desenvolvimento econômico e social, que se relaciona com a quantidade e a qualidade das interações de uma sociedade no sentido de referenciar o potencial deste conceito, o turismo contribui para averiguar de que forma o capital social proporciona a interação da comunidade com as atividades turísticas, de maneira a participar ativamente e se beneficiar do processo de desenvolvimento e inclusão social (ALVES, 2010).

Para Beni (2012) é importante associar o turismo como parte da economia e sociedade, sobretudo pela aproximação dos aspectos natural e cultural do espaço geográfico, na medida em que transforma o cenário complexo de atuação do turismo. Na perspectiva do autor, os diversos segmentos do turismo se entrelaçam e trazem a ideia de que, enquanto atividade relacionada a diversas áreas de conhecimento, o turismo passa a ser objeto de estudo das ciências: Geografia, Economia, Antropologia, Sociologia, História, dentre outras.

Por sua vez, a atividade turística é considerada uma das práticas socioeconômicas mais ativas da economia mundial, dando contribuição direta e crescente ao desenvolvimento dos destinos turísticos, através da geração de oportunidades de emprego e aumento da renda local. Como importante setor econômico e de efeito multiplicador, o turismo gera novos negócios e investimentos a partir da catalisação de infraestrutura, deslocamentos, serviços e produtos, planos e programas de gestão pública municipal, estadual e nacional e qualificação de profissionais (VIGNATI, 2012).

O turismo é, portanto, importante para o setor econômico no contexto globalizado, no qual as capacidades de transportes e a tecnologia da informação, associadas aos investimentos para o desenvolvimento do setor turístico, motivam o

crescimento do número de viajantes e influenciam no levantamento econômico dos países (DENCKER, 2007).

A partir das colocações já citadas percebe-se que a viabilidade do turismo ocorre concomitante com o investimento em infraestrutura básica e turística, acesso à informação, valorização cultural e natural. Isto posto, a atividade turística visa deslocamento por alguma motivação que faça a pessoa viver experiências diferentes do seu cotidiano, conhecendo atrativos que identifiquem a cultura do local visitado.

Diante disto, cada localidade possui atrativos e produtos oferecidos a determinados segmentos que movimentam mais a economia, a exemplo do cultural, eventos de negócios, religioso, ecoturismo, sol e praia, saúde, gastronômico, dentre outros (VIGNATI, 2012). Por outro lado, a segmentação do turismo é uma ferramenta que contribui para organizar o planejamento e a gestão do mercado, no sentido de aumentar a demanda turística, gerar movimentação da receita local e o crescimento do turismo (CAMPOS, 2010). No caso do estado de Sergipe existe a possibilidade de contemplação de várias segmentações do turismo.

O menor dos 26 estados brasileiros, com uma área total de 21.926,908 km<sup>2</sup> que corresponde a 1,4% do território da região Nordeste e apenas 0,26% da área territorial do Brasil, Sergipe tem suas coordenadas geográficas situadas entre a latitude 9°31'49" e 11°33'0" S e a longitude 36°25'40" e 38°14'00" W. Seus limites são: ao norte com o estado de Alagoas; ao sul e ao oeste com o estado da Bahia; e ao leste é banhado pelo Oceano Atlântico. Composto por 75 municípios, sua capital é a cidade de Aracaju. Seu território está dividido em três Mesorregiões que, por sua vez, são subdivididas em 13 Microrregiões classificadas como áreas geográficas formadas por municípios com aspectos sociais e econômicos similares entre si (IBGE, 2010).

Vale ressaltar que a faixa litorânea ao norte de Sergipe exhibe uma diversidade de ecossistemas (praias, lagoas, dunas, coqueirais etc.), com belezas naturais que compõem cenários deveras atrativos. Por entre seus povoados, a comunidade local interage com os turistas e demais visitantes para contemplar e percorrer caminhos que os desbravam.

Situado em terras sergipanas, o município de Pirambu, sede da área objeto do presente estudo, foi emancipado pela Lei Estadual Nº 1.234 de 26 de novembro de 1963 e está localizado no litoral norte do estado. Possui área ocupada de 218 km<sup>2</sup> e

encontra-se a 2 metros de altitude. Seus limites são: ao norte, Pacatuba e Japoatã; ao sul, Santo Amaro das Brotas e Barra dos Coqueiros; ao leste, Oceano Atlântico; e ao oeste Japaratuba e Carmópolis. A distância do município para Aracaju, via rodovia SE 100, é de 28 km e em linha reta, 25 km. Via BR-101, pelo acesso à Japaratuba com 22 km (IBGE, 2010). Sua zona rural é composta por oito povoados: Lagoa Redonda, Maribondo, Alagamar, Aguilhadas, Aningas/Baixa Grande, Água Boa, Bebedouro e Lagoa Grande. De acordo com o Censo 2010, Pirambu possuía uma população de 8,4 mil habitantes, sendo que as estimativas censitárias de 2018 apontaram um crescimento para aproximadamente 9,2 mil habitantes (IBGE, 2016).

Destarte, para efeito de identificação, a figura 01 apresenta mapa com localização geográfica do município de Pirambu, com o seu posicionamento cartográfico no mapa do Brasil.

Figura 01 - Mapa do Brasil com localização do Estado de Sergipe e do Município de Pirambu



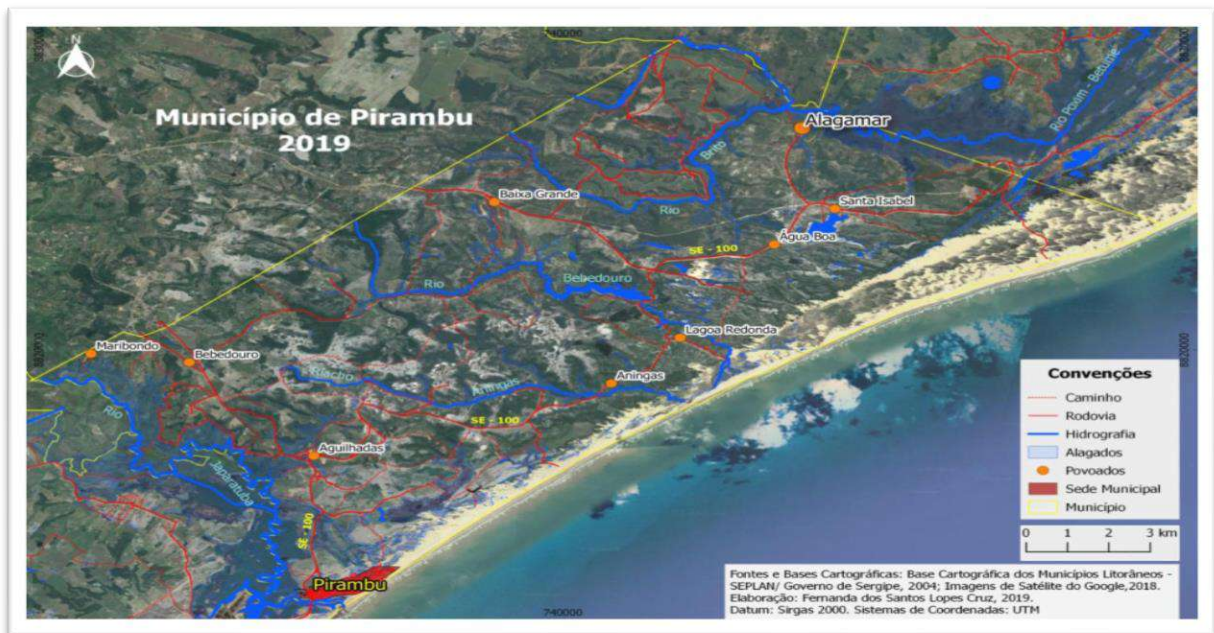
Fonte: Elaborado por Fernanda dos Santos Lopes Cruz (2019).

De forma complementar, Vieira, Almeida e Vilar (2014) destacam a hidrografia da região, ressaltando o rio Japaratuba e seus afluentes: Lagoa Santa Isabel, Catu, Lucrécia e Sangradouro, e o rio Sapucaia.

É em Pirambu que está localizada a maior parte de uma das 12 categorias de Unidades de Conservação (UC) do Brasil, a Reserva Biológica (Rebio) de Santa Isabel que, conforme o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), é de “proteção integral” e compõe um grupo mais limitativo. Na Rebio Santa Isabel está localizado o Projeto Tartarugas Marinhas (Pró-Tamar), que atua para dar suporte às atividades de pesquisa e conservação das tartarugas marinhas, desenvolvidas há cerca de 32 anos no litoral brasileiro (PROJETO TAMAR, 2011).

Observa-se na figura 02, os oito povoados que compreendem o município de Pirambu e as rodovias de acesso à localidade. Por conseguinte, a representação do caminho, a hidrográfia, os alagados, a sede municipal e o município de Pirambu.

Figura 02 – Mapa do município de Pirambu, SE, contendo localização dos povoados com destaque para Alagamar



Fonte: Elaborado por Fernanda dos Santos Lopes Cruz (2019).

A competência deste estudo é no povoado Alagamar. Define-se que povoado é um aglomerado sem caráter privado ou empresarial, ou que não está vinculado a um único proprietário da terra, cujos moradores exercem atividades econômicas quer primárias, terciárias ou, mesmo secundárias, na própria localidade ou fora dela (IBGE, 2016).

Alagamar é uma localidade com característica definidora de Aglomerado Rural Isolado e possui poucos estabelecimentos comerciais de bens de consumo frequente, contabilizando sete dos seguintes serviços ou equipamentos: um estabelecimento de

ensino de 1º grau em funcionamento regular, um posto de saúde com atendimento regular, uma praça pública, uma quadra esportiva, um quiosque para atividades coletivas, um templo religioso de qualquer credo e uma igreja católica (IBGE, 2018).

Segundo o IBGE (2018), o referido povoado se distancia 48 km de Aracaju, capital de Sergipe, e está localizado às margens do Rio Brito, o qual é um dos afluentes do Rio São Francisco. Está situado a, aproximadamente, 35 km da sede do município de Pirambu e faz limite com os municípios de Pacatuba e Japoatã.

Em Sergipe, existem vários municípios com potencialidade de produtos artesanais, dentre eles: Divina Pastora, Santana do São Francisco ( Carrapicho), Poço Redondo, Tobias Barreto e Estância, respectivamente, com os artesanatos correspondentes: renda irlandesa, cerâmica, renda de bilro, bordados tipo *richelieu* e santeiros. A produção de artesanato é, portanto, uma tradição nos municípios que formam o território sergipano. Isso representa a cultura dos seus residentes, além de ser um componente importante na formação de identidades.

A capacidade do saber fazer artesanal, também se sustenta como prerrogativa do município de Pirambu, onde os artesãos compreendem a importância dos seus saberes como manifestação popular, aliado ao sentimento de pertencimento e à sabedoria peculiar de cada ser humano. Nesse lugar, situa-se o presente estudo, mais especificamente no povoado Alagamar, cenário do artesanato da fibra vegetal da palmeira do Ouricuri.

O tema proposto para o estudo em questão, é “Ouricuri: Produção Artesanal e Turismo em Alagamar – Pirambu/SE”. O objeto de análise deste trabalho é, portanto, o artesanato da fibra vegetal da palmeira do Ouricuri como proposta de atrativo turístico advindo do litoral norte de Sergipe, no intuito de viabilizar a sua promoção e, assim, gerar desenvolvimento econômico local.

O Ouricurizeiro é utilizado para vários propósitos e considerado como espécie importante na comunidade rural, principalmente pelo uso da sua fibra para confecção de vários tipos de artesanatos. Dessa forma, contribui para o desenvolvimento da população que manipula essa matéria-prima como fonte de renda a partir da comercialização do artesanato produzido.

Em face do exposto, a preservação da palmeira de Ouricuri possui uma importância ecológica, social e econômica, pois seus frutos servem de alimento para os humanos e animais silvestres, da mesma forma que sua palha é uma fonte de renda para as comunidades que têm a palmeira *in natura* em suas localidades para confecção de artesanato.

O artesanato encontrado no povoado Alagamar é feito a partir da fibra da palmeira *Syagrus Coronata*, denominação científica, também conhecida popularmente como ouricuri, urucuri, licuri, aricuri, licurizeiro, nicuri, coqueiro cabeçudo, coqueiro dicuri (DRUMOND, 2007). Nesta pesquisa, legitima-se de forma coloquial, a nomenclatura mais usual no meio dos residentes desta comunidade, o “Ouricuri”.

Destaca-se a preocupação dos pesquisadores quanto ao extrativismo predatório com os recursos da palmeira, os quais se fundamentam na Lei 13.123/2015 de 20 de maio 2015 da Presidência da República/Casa Civil, que regulamenta o conhecimento tradicional e os benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade e ao acesso do patrimônio genético nacional (BRASIL, 2015).

Neste trabalho, trata-se do aspecto cultural que busca fazer uma relação com a identidade de um povo com ênfase no artesanato, por ser um componente relevante e desenvolver-se como importante fator de identidade do turismo em um dos seus segmentos.

As escolhas e motivações que levaram a esta temática, foram: (i) a experiência profissional da autora desta proposta nas áreas da cultura e do turismo; (ii) o conhecimento técnico na elaboração do planejamento e gestão cultural e turística; (iii) a vivência nas artes cênicas; (iv) o envolvimento direto com habilidades artesanais; e (v) a possibilidade de pesquisa do artesanato feito pela fibra vegetal do Ouricuri, no povoado Alagamar.

Com o propósito de justificar a relevância deste estudo para o turismo, enumeram-se os seguintes aspectos: (i) Econômico, por possibilitar o desenvolvimento local no complemento de renda da comunidade e ser, o artesanato, uma das atividades principais de fonte de renda; (ii) Social, o artesanato possui impacto na construção de uma identidade local e valorizada pelos próprios moradores; (iii) Ambiental, por ser a fibra vegetal da palmeira do Ouricuri de uso sustentável; (iv)

Político, por evidenciar a preocupação de incluir os saberes e fazeres do povoado Alagamar nas instâncias ambiental, cultural e do turismo.

O objetivo geral da pesquisa é elaborar um catálogo turístico para divulgar a diversidade da produção comunitária dos artesãos do povoado Alagamar, em Pirambu/SE. Para atingir o objetivo proposto foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) Conhecer o grupo de artesãos e papéis desenvolvidos por estes no artesanato de Alagamar; (ii) Descrever o processo social do trabalho para a produção da artesanaria; (iii) Identificar o papel do poder público no turismo de Pirambu, especificamente em relação ao artesanato feito em Alagamar; (iv) Observar o impacto do artesanato na sustentabilidade social, econômica e ambiental; e (v) Propor ações para fortalecer as relações entre turismo e produção artesanal no povoado Alagamar.

É necessário, também, conhecer a problemática a ser pesquisada: como fundamentar a importância do turismo junto à produção do artesanato da fibra vegetal da palmeira do Ouricuri do povoado Alagamar, município de Pirambu, localizado no Estado de Sergipe?

A questão norteadora foi desdobrada nas seguintes indagações: (i) Qual é o papel das mulheres no processo da produção da fibra vegetal da palmeira do Ouricuri para o artesanato do povoado Alagamar? (ii) Qual o impacto socioeconômico do artesanato? (iii) Quais os elementos que garantem a sustentabilidade ambiental do produto? (iv) Qual o papel do poder público de Pirambu quanto ao incentivo da produção e comercialização do artesanato e sua relação para com a atividade turística? (v) Quais ações que fortalecem o artesanato como atrativo turístico na perspectiva de geração de emprego e renda do povoado em estudo?

Para aproximar o leitor do estudo em questão esta pesquisa foi dividida em quatro seções, antecedidas por essa introdução que abrange a justificativa; a motivação para escolha do objeto; o problema de pesquisa e as questões norteadoras; e os objetivos que, juntos integram o suporte teórico que introduz a pesquisa; e sucedidas pelas considerações finais e demais elementos pós textuais apresentados.

A primeira seção trata da fundamentação teórica, abordando os temas: (i) Cultura, Artesanato e Turismo: a valorização identitária de uma comunidade; (ii) A participação das mulheres no artesanato e a contribuição para o turismo; (iii) A

interface das comunidades rurais e o desenvolvimento sustentável do turismo local; e (iv) Poder Público, Comunidade e Artesanato.

A segunda seção apresenta a estrutura metodológica que fornece um conjunto de informações e diretrizes utilizadas para averiguação, bem como as particularidades consideradas fundamentais para o estudo em questão, tais como: (i) Métodos e procedimentos de análise; (ii) Caracterização da pesquisa; e (iii) Tipos e etapas da pesquisa.

A terceira seção apresenta o processo social da produção do artesanato, com ênfase no que foi encontrado no Povoado Alagamar; e a quarta seção procede com os resultados e discussão. Finalizando, na sequência, são apresentadas as considerações finais e todas as referências consultadas como aporte teórico e documental para a consolidação desse trabalho, bem como os apêndices utilizados na pesquisa.



## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O turismo bem explorado em um destino possibilita um aumento no desenvolvimento social, político e econômico do lugar. Por meio dele é possível conhecer diversos setores do local visitado, como a geografia, a história além de toda sua variedade cultural.

Além disso, descrever o turismo é permear a vinculação complexa de áreas, ou seja, estudar as diversas ciências integradas neste fenômeno social com viabilidade de resultar na interdisciplinaridade do conhecimento, haja vista que o procedimento de composição da atividade turística desenvolve-se a partir de outros âmbitos analisados. Vale ressaltar que, ao se referir aos benefícios do turismo em uma região, leva-se em consideração a ideia de um turismo focado na sustentabilidade, ou seja, que obedeça a normas de conservação e preservação das riquezas naturais do ambiente.

Por sua vez, a história do artesanato teve início junto com a história do homem na produção de bens, ao expressar a competência criativa como condição de trabalho através de uma tradição passada de geração a geração, ato que perdura até os dias atuais. De certo, a cultura, o artesanato, a sustentabilidade, o protagonismo feminino, a gestão pública e o turismo têm aqui suas origens conceituadas de maneira a oportunizar a compreensão e discussão na geração da proposta deste trabalho.

Assim, faz-se necessário uma reflexão acerca dos seguintes aspectos:

- i) Cultura, Artesanato e Turismo, demonstrada através da valorização identitária de uma comunidade, da importância na maneira coletiva de viver, isto é, os hábitos, costumes, crenças e saberes, que contribuem para o desenvolvimento do turismo nas localidades, principalmente no segmento cultural;
- ii) A participação das mulheres no artesanato e sua contribuição para o turismo, no qual, por meio do seu protagonismo, a força feminina influencia na geração de renda complementar de forma contributiva para o sustento familiar e do turismo;
- iii) A interface das comunidades rurais e o seu desenvolvimento sustentável para o turismo, permeando os estudos voltados para as questões de

territorialidade, espaço e tempo, a fim de nortear o compromisso coletivo nos caminhos do crescimento da localidade; e

iv) A relação entre poder público, comunidade e artesanato.

### **1.1 Cultura, Artesanato e Turismo: a valorização identitária de uma comunidade**

A cultura de um povo representa a sua essência e a melhor forma de mantê-la viva é propagá-la através da divulgação das suas tradições. Isso é possível também através do turismo, pois este possibilita que pessoas de diferentes localidades conheçam e façam parte das manifestações culturais dos lugares visitados, bem como permite que essas pessoas levem a esses lugares um pouco da sua própria identidade cultural.

O desenvolvimento de uma população resulta na criação de raízes históricas fundamentadas na formação de um compêndio cultural. As manifestações culturais de uma população podem ser realizadas por diversas formas de expressão. O Ministério da Cultura, por exemplo, reitera a possibilidade de considerar que a cultura popular é formada pelas manifestações oriundas do ser humano em sociedade, como o agir, o ser, o pensar e o expressar, em áreas frequentadas ou resididas, que sejam rurais ou urbanas e envolverá desde o artesanato às festas populares. Em sua totalidade, a cultura cria, inova, aproxima, movimenta, promove e corrobora para o surgimento de novos contextos de atuação das comunidades.

A cultura brasileira se apropria de uma pluralidade contemplada pela sociedade e pelos governos como importante patrimônio da nação, assim como os recursos naturais, que permitem uma diversidade na oferta da estruturação dos produtos turísticos, proporcionando não só o aumento no fluxo de turistas, como também um crescimento no desenvolvimento sociocultural através da troca de conhecimentos e informações.

Segundo Neves (2003, p. 49-50), sobre o conceito antropológico de cultura:

Estende essa noção a todos os seres humanos, postulando que todos os homens são portadores de capacidades, sendo, portanto, capazes de desenvolver atividades complexas, como é o caso da linguagem. Partindo da oposição homem/natureza, é possível demonstrar que os comportamentos humanos são artificialmente produzidos e que há muito pouco de transmissão genética orientando esses comportamentos, que são apreendidos socialmente, a partir de vivências grupais.

Para Neves (2003, p. 49), patrimônio cultural é “um conjunto de bens materiais e imateriais representativos da cultura de um grupo ou de uma sociedade. Para que se entenda esse conceito e sua relação com as identidades, torna-se necessário, antes de tudo, refletir acerca do conceito de “cultura”.

Diante do exposto, pode-se verificar que a antropologia separa o elitismo do entendimento de cultura e estende o conjunto de ações elaboradas para os seres humanos. Com esse conceito, podem-se compreender os comportamentos humanos e suas necessidades por diversas perspectivas, como materiais, simbólicas e utilitárias.

Por outro lado, entende-se que todos os povos são detentores de cultura, definidos como “a totalidade ou o conjunto da produção, de todo o fazer humano de uma sociedade, suas formas de expressão e modos de vida” (BRASIL, 2006, p. 25).

Segundo o Ministério da Cultura:

O Brasil conta com uma imensa e variada gama de manifestações de cultura popular. Do ponto de vista operacional da ação do poder público, trata-se de um universo bastante amplo, diversificado e complexo que não está contemplado de forma completa em outras esferas das políticas públicas de cultura (BRASIL, 2011b, p. 39).

O Ministério do Turismo (MTur), por sua vez, destaca que o grande mérito é fazer do turismo uma atividade capaz de promover e preservar a cultura. Dessa forma, “cultura e turismo configuram em suas diversas combinações, um segmento denominado Turismo Cultural” (BRASIL, 2006, s/p). Logo, pode-se dizer que a cultura, prioriza e particulariza a escolha do turista ao planejar seu deslocamento para vivenciar situações pelo viés cultural.

A cartilha do MTur busca ordenar o turismo cultural no Brasil. Na sua publicação, dentre os assuntos abordados, esclarece que o MTur prioriza, em termos de estratégias para o desenvolvimento dos produtos turísticos, a segmentação e a roteirização, por “entender serem imprescindíveis ações que permitam o fortalecimento do capital social e a conseqüente e concomitante promoção e preservação da cultura brasileira, como atrativo turístico e como patrimônio” (BRASIL, 2006, p. 9). É na política pública para o turismo cultural que se compreende a “oferta de produtos de turismo cultural autênticos e, principalmente, para a promoção da diversidade cultural brasileira, da participação e do bem-estar das comunidades” (BRASIL, 2006, p. 9).

Ainda, de acordo com o MTur, o turismo cultural, assim como outros segmentos turísticos, parte do pressuposto de que pessoas estarão interessadas em conhecer a diversidade cultural existente no Brasil, sendo o turismo um instrumento de valorização da identidade cultural e preservação (BRASIL, 2011b, p. 12).

Desta forma, surgem outras instituições que tratam o turismo como atividade de credibilidade para o mercado. Uma delas é o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), uma entidade privada sem fins lucrativos que, desde 1972, vem atuando como agente de capacitação e promoção em prol do desenvolvimento. Seu objetivo é incentivar e apoiar os micro e pequenos negócios incrementados por milhares de brasileiros, em diferentes áreas do setor econômico, a fim de estimular o empreendedorismo, vinculando-o ao respeito pela sustentabilidade, trazendo crescimento e fortalecimento às mais diversas áreas de atuação dos pequenos negócios. A partir de 2002, também passou a atuar em programas como o “SEBRAE de Artesanato”, cujo objetivo é consolidar e promover o artesanato no âmbito do mercado local, nacional e em novos mercados, para assegurar geração de renda, ocupação e competitividade no setor artesanal, integrando ações entre as 27 unidades federativas (SEBRAE, 2004).

Para o Sebrae (2004), o artesanato é uma das representações da identidade cultural de uma região, pode ser caracterizado por ser utilitário, conceitual, decorativo, litúrgico e lúdico. É, portanto, toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, confeccionados, manualmente, ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.

No que se refere à produção do artesanato, Mills (2009) amplia essa discussão para a esfera de “artesanato intelectual”, afirmando que:

[...] não há nenhum motivo velado em ação além do produto que está sendo feito e dos processos de sua criação. Os detalhes do trabalho diário são significativos porque não estão dissociados, na mente do trabalhador, do produto do trabalho. O trabalhador é livre para controlar sua própria ação de trabalho. O artesão é, por conseguinte, livre para aprender com seu trabalho, e para usar e desenvolver suas capacidades e habilidades na execução do mesmo. Não há ruptura entre trabalho e diversão, ou trabalho e cultura. O modo como o artesão ganha seu sustento determina e impregna todo o seu modo de vida (MILLS, 2009, p. 59).

De acordo com Macedo Tabosa (2007), a cadeia produtiva artesanal traz símbolos de flexibilização, criatividade, cooperação, forma de organização, motivação, transferência de conhecimento, consideração e respeito ao meio

ambiente, dentre outros. Além de oferecer equilíbrio simbiótico à forma de sentir, viver, fazer e visualizar o mundo como ele realmente se apresenta cotidianamente. Ainda para o autor, “[...] a visão da cadeia produtiva é uma forma de agregar valor aos produtos artesanais e aumentar a prosperidade de suas comunidades produtoras como uma estratégia de competitividade, equidade, inovação e desenvolvimento sustentável.” (MACEDO TABOSA, 2007, p. 47).

É através da análise do encadeamento produtivo que se fortalece a inovação dos processos e do portfólio de produtos, a partir de um conjunto de etapas articuladas, desde o ato de colher as matérias-primas até o consumo, de acordo com a demanda do mercado, contando com princípios de equidade, competitividade e sustentabilidade.

A produção artesanal está presente, costumeiramente, em locais onde vivem grupos sociais que procuram manter viva a tradição de desenvolver o ofício de ser artesão como atividade econômica que possa complementar a renda familiar, bem como a valorização da cultura material destas localidades. Neste contexto, merece destaque o artesanato confeccionado a partir de Sempre-Viva (feito com hastes de capim dourado), bastante comum na região do Jalapão, TO, observado por Schmidt (2005), ou o artesanato em caixeta (madeira leve e mole), que caracteriza a cidade de São Sebastião, SP, que foi estudada por Carvalho (2002).

Para Claval (2003, p. 147), “[...] o objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas”. Neste viés, o Ministério do Turismo (BRASIL, 2011a), estabelece que a cultura e suas manifestações promovem o desenvolvimento de um destino por sua dinamicidade, pois é entendida como base transformadora no desenvolvimento humano e nas suas relações, como também no planejamento das ações práticas que provenham em incentivos coletivos

Diante disso, é importante entender, também, a relação entre a comunidade e o meio socioambiental onde ela está inserida a fim de estabelecer uma relação com o turismo, no sentido de apresentar uma solução para que este possa ser implantado na localidade tendo o artesanato como atrativo.

## 1.2 A Participação das Mulheres no Artesanato e a Contribuição para o Turismo

O caminho pela história tem-se apontado sobre a criação dos primeiros instrumentos de pedra dos seres humanos na pré-história, continuado pelas sociedades antigas e a Idade Média até o século XVIII. O universo fecundo desses momentos históricos da humanidade era dominado pela produtividade artesanal. A forte implementação do capitalismo, através da Revolução Industrial, reconheceu que a produção em série facilitada pelas máquinas era melhor para o comércio, em contrapartida reduzia, significativamente, a atividade artesanal.

Neste sentido, Kubrusly e Imbriosi (2011) contribuem destacando que houve mudanças na forma de trabalho e na sociedade a partir da implantação do capitalismo e do acúmulo de atividades pelas máquinas. Com isso, houve uma quebra entre o processo de criação e produção, isto é, “[...] enquanto os artesãos criavam o que produziam, os operários contratados pelas novas fábricas eram incapazes de criar (e jamais estimulados a isso!) e limitavam-se, apenas, a operar as máquinas que fabricavam em série os produtos” (KUBRUSLY; IMBRIOSI, 2011, p. 11).

No tocante à atuação feminina na área de trabalho, alcança-se, porém na evolução histórica ocorre vagarosamente. Como estimuladores dessa passagem, Perrot (2007) evidencia dois momentos históricos.

O primeiro deles foi a Revolução Industrial, na qual as máquinas a vapor começaram a aumentar as produções em detrimento da diminuição do tempo despendido para tal fim. O segundo foi a Primeira Guerra Mundial, quando no final ocasionou um desgaste econômico mundial e, com isso, fez surgir a necessidade da criação de estratégias inovadoras no mercado trabalhista para que houvesse o reerguimento econômico de vários países. Essas transformações necessárias geraram uma mudança de mentalidade que foi surgindo aos poucos e inserida nessas mudanças encontrava-se a figura feminina. A mulher, que antes possuía sua participação solicitada apenas nos afazeres domésticos, ou em outras atividades produtivas somente se fossem realizadas no âmbito do lar e não no mercado de trabalho pois, este era assumido, exclusivamente, pelo homem, passaram a assumir novos papéis.

Com o período das guerras e a ida dos homens para as frentes de batalha, houve a destruição de muitas famílias, pois os homens que morreram eram seus

provedores. Por conseguinte, algumas mulheres começaram a ter que assumir os negócios das famílias e, aos poucos, passaram a assumir a posição dos homens no mercado de trabalho.

A inserção da figura feminina nesse mercado não foi nada fácil, pois esta sofreu preconceitos sociais, humilhações e discriminação em várias sociedades. No entanto, a necessidade de sustentar seu lar era quem comandava a insistência da mulher para entrar no mercado masculino.

Todas essas questões afetaram de forma direta os postos de trabalho mundo afora, assim como as relações familiares e sociais. Vale ressaltar que a Revolução Industrial, mesmo tendo iniciado na Europa, se espalhou pelos demais continentes provocando um salto qualitativo nas relações de consumo, substituindo o trabalho artesanal em trabalho manufatureiro e, com isso, houve uma certa resistência quanto a adaptação à nova forma de produção. Nesse período, a participação da mulher nos trabalhos domésticos passou a ser dividida com a labuta nas fábricas como forma de aquisição de renda para ajudar os trabalhadores masculinos, estes com seus ganhos de capital não mais suficientes para ajudar nas despesas familiar.

Nesse contexto, Engels (2008, p. 157) salientou que “[...] se a atividade produtiva livre é o máximo de prazer que conhecemos, o trabalho forçado é o tormento mais cruel e degradante. Nada é mais terrível que fazer todos os dias, da manhã até a noite, um trabalho de que não se gosta”.

Durante a Revolução Industrial, tanto homens quanto mulheres foram explorados na execução do trabalho em indústrias fabril, ainda hoje, em pleno século XXI, existe uma certa resistência acerca do trabalho executado por mulheres, assim como na liderança feminina no mercado trabalhista. Apesar disto, a mulher já conquistou vários direitos e se igualou ao homem em muitos aspectos, podendo exercer, com maior liberdade, atividades no mercado de trabalho, incluindo até a gestão de grandes empresas.

De acordo com Silva e Eggert (2011, p. 58), “na contracorrente de interpretações que percebem o artesanato como mais um instrumento de dominação feminina, pensamos que ela pode ser um poderoso instrumento de criatividade, elaboração subjetiva, autônoma e de formação política”, pois a mulher tem a facilidade na habilidade artesã, contribuindo para o sustento da família da mesma forma que o

homem em outras atividades rentáveis, com vistas a mostrar sua participação nos resultados da movimentação econômica.

Dessa forma, espaços de criação entre grupos afetivos e de convivência, trazem o entusiasmo do emprego dos sentidos e da relação entre o prazer dos sentidos e a criação, que mesmo não sendo prerrogativas da arte, são de uma “conjunção sensualista” da vida, que lhe concede “singularidade”, “composição entre razão/emoção”, tal como explicita (MAFFESOLI, 1996, p. 74).

As artesãs têm se destacado no cenário nacional nos últimos anos e, ao mesmo tempo, ocupado um espaço mais democrático ao agregar uma atividade cultural como produção. Por isso, inúmeras mulheres de diversas classes sociais têm hoje oportunidade de trabalho e renda em quase todos os municípios. No nordeste do país, o artesanato é um dos segmentos em que as mulheres se destacam.

Por conseguinte, culturalmente a mulher é atribuída como sujeito que tem habilidades para as tarefas manuais e artísticas. Enquanto os homens saem para a roça, as mulheres ficam em casa cuidando dos afazeres domésticos e das crianças, e o artesanato é uma atividade conciliável com esses deveres.

A temática do trabalho feminino remete às necessidades das concepções tradicionais sobre trabalho formal e/ou mercado de trabalho, uma vez que não contemplam a diversidade de atividades exercidas por mulheres, e que não constam nas estatísticas oficiais.

Por outro lado, o conceito de divisão sexual do trabalho, segundo Hirata (2002); Kergoat (2003; 2007), apresenta as atividades exercidas historicamente pelo gênero feminino, e, além disso, reconhece que a divisão social, nesse contexto, é evidenciada pelas diferenças de gênero, assim como Silva (2011, p. 115) diz que: “o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um ‘destino’ biológico, mas sim de construções sociais”.

Kergoat (*apud* Silva, 2011), afirma que as antropólogas feministas foram as primeiras a darem um conteúdo novo sobre a origem do conceito de divisão sexual do trabalho, evidenciando que elas traduziam não um complemento de tarefas, no entanto uma relação de poder dos homens sobre as mulheres.

Destarte, há a ressignificação de incorporar e se apropriar de elementos advindos da produção feminina. Esse campo de estudos, longe de se esgotar, aponta



vários caminhos promissores, em que a mulher está ocupando seu espaço cada vez mais no mercado de trabalho, inclusive pelo fazer artesanal.

### **1.3 A Interface das Comunidades Rurais e o Desenvolvimento Sustentável do Turismo Local**

De acordo com Portuguez (1999), a importância da discussão na Academia sobre o desenvolvimento socioespacial, atenta-se que o tema ainda não conquistou o merecido destaque e lugar a ser alcançado na pesquisa geográfica nacional.

Esse autor destaca ainda que os modelos tradicionais de desenvolvimento não têm atendido às expectativas dos cidadãos nacionalmente, e que estes se declaram não satisfeitos com a diminuição da qualidade de vida no país. O interesse sobre esse desenvolvimento local começa a ser despertado aos gestores, estudiosos e demais interessados em estar familiarizados acerca da relevância do tema.

Portuguez (1999) acrescenta que é costumeira a confusão entre a extensão territorial do planejamento para uma área específica e a evolução do espaço social ou socioespacial, entendida como uma tentativa da promoção do bem-estar e da justiça social, além de ter uma abrangência relevante na ordem do desenvolvimento de cada coletividade. O autor ainda afirma, “Partindo desse princípio, o desenvolvimento local seria uma expressão cabível à definição de uma dada porção do espaço onde o projeto seria implementado” (PORTUGUEZ, 1999, p. 37).

Por isso que no Turismo, o desenvolvimento local através dos planos e projetos geridos pelo poder público, incentivou grandes empreendimentos, sobretudo em zonas denominadas praieiras, onde ele é propriamente conhecido como o modelo do turismo de “sol e praia”. Este impactou os ambientes, de maneira a descaracterizar as paisagens, nos hábitos e na cultura local.

Vale ressaltar que, as comunidades eram inseridas no mercado de trabalho da atividade com pouca credibilidade, por terem certa dificuldade em atender as expectativas exigidas, a exemplo de comportamentos como desenvoltura e, sobretudo, a exigência da escolaridade, a qual em grande parte dessas comunidades, em algum tempo fora ofertado de forma adequada e contínua aos seus residentes. No entanto, as marcas de fala e a linguagem popular da sociedade acaba prevalecendo na maioria dos casos, independente do público inserido nas situações de comunicação.

Conforme Yázigi (2001), o despertar para o turismo está em todos os aspectos e características. Todavia as inteligências carecem, e muito, de ter a consciência da importância inevitável da paisagem e da linguagem própria dos residentes das localidades para o turismo.

Convicto da importância do meio para o cotidiano e para o turismo penso em algumas medidas que poderão ser eficazes dentro de um processo interativo. Entre as possíveis medidas, destaco as administrativas e as educacionais (YÁZIGI, 2001, p. 248).

Assim, é necessário que as associações entre as partes interessadas estejam em comum acordo com a filosofia fundamentada nas concepções do Estado e no bem distintamente comum nas perspectivas de vida sob o olhar da globalização, a partir da estruturação da relação parte-todo, lugar-nação, sem faltar o reconhecimento e o entendimento da importância do outro no processo.

De acordo com o Ministério do Turismo (Brasil, 2006), o turismo rural pode ser conceituado a partir da fundamentação das referências ao turismo, ao território, aos aspectos culturais e naturais, à economia, à sociedade e aos costumes e afetividade. E, baseando-se nessas particularidades, pode-se definir que:

Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade (BRASIL, 2006, p. 28).

Neste contexto, para Santos e Souza (2010), no sentido amplo, o turismo rural é o aproveitamento da atividade turística, a partir do agrupamento de partes integrantes no espaço rural, incluindo o patrimônio arquitetônico, elementos da natureza, o ambiente rural, a cultura e até mesmo as demais formas de turismo alheias ao turismo rural. Com esse entendimento, o turismo no espaço rural e o turismo na área rural são utilizados como sinônimos. O turismo rural é uma expressão que deve ser utilizada com mais precisão e posta, apenas, ao turismo que respalda a temática rural.

Nacionalmente, investigações acadêmicas, testemunhos e relatos registram que as experiências de turismo rural, em algumas localidades, antecedem a década de 80. Contudo, esse tipo de turismo é organizado a partir do início das atividades junto à SerraTur Empreendimentos e Promoções Turísticas S. A., um órgão oficial do turismo de Lages (SC).

Em 1984, desponta a ideia de valer-se das fazendas da região para receber turistas, transformando esses espaços em empreendimentos para prática da atividade turística, uma vez que enfrentavam algumas dificuldades no âmbito econômico conforme a chegada da crise agrária nacional e regional (BRASIL, 2006).

Esse segmento teve como base características e modelos de países europeus, como também de algumas ideias dos EUA, inclusive pela existência da herança cultural, principalmente, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, que se aproveitaram da diversidade de culturas para fortalecer quaisquer manifestações do turismo nesses empreendimentos no espaço rural.

O Turismo no Espaço Rural e o Turismo nas Áreas Rurais, são expressões utilizadas e, conforme alguns autores, empregadas como sinônimo de Turismo Rural, pois o estes têm uma variação e compreende áreas rurais e naturais onde se desenvolve o ecoturismo. Na verdade, há uma complementação das modalidades. De acordo com Santos e Souza:

A mescla entre turismo rural e ecoturismo não decorre, simplesmente, do entendimento desses tipos e das atividades que se desenvolvem no espaço rural, mas, também da dificuldade de estabelecerem limites precisos entre um e outro tipo, já que, muitas vezes, ambos ocorrem na mesma propriedade (SANTOS; SOUZA, 2010, p. 4).

E a confusão terminológica persiste também quando se trata do agroturismo. Conforme experimentos europeus, o mesmo ocorre de forma integrada que une a propriedade rural, organizada e gerida pelos familiares, acompanhada pessoalmente pelo proprietário; utiliza-se também da atividade como complemento da renda, sendo esta propriedade o meio de hospedagem do turista ou visitante, assim como a participação direta deles nos afazeres e atividades cotidianas.

Entretanto, o progresso do conhecimento e as experiências comprovativas demonstram que o segmento do turismo rural, necessariamente, não está conectado com o ambiente rural, mesmo considerando que, à primeira vista, esses conceitos aparentem ter significado igual. A multiplicidade conceitual também é fundamentada nas diferenças e nos entendimentos.

A análise dos conceitos formulados pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) dá uma ideia da evolução processada desde 1994, quando se verificou a primeira tentativa oficial para identificar e organizar este tipo de turismo (SANTOS; SOUZA, 2010, p. 6).

Por conseguinte, no Brasil há uma diversidade de segmentos da atividade turística já bem aceita no âmbito oficial. As tipologias vêm sendo observadas, com atenção, por especialistas, porque há uma associação lógica entre as mesmas e, sobretudo, nas atividades realizadas no turismo rural, agroturismo, agricultura familiar e ecoturismo.

A ruralidade é expressa de diversas maneiras e, esse conjunto de representações e categorias, refere-se a um universo que, a partir das práticas sociais com culturas heterogêneas, apresenta uma pluralidade que reúne os pilares entre a economia e a sociedade, visando a ampliação do conhecimento de mundo, socialmente, mais justo (SAQUET, 2007).

Em meio às novas opções de atuação no meio rural, há um destaque para a atividade turística que aparece como nova possibilidade de empreendedorismo e geração de empregos para os residentes do espaço rural, com proposta, em potencial, da diminuição do êxodo rural dos jovens, por terem incerteza quanto ao futuro profissional, estimulando com uma série de atividades produtivas e promissoras, agrícolas e não-agrícolas, mas todas inerentes ao contexto de ruralidade. O lema é atrair turistas para aquecer a economia desses produtos localizados em espaços rurais.

Segundo Saquet (2007), a relação entre os aspectos sociais, culturais e econômicos em uma determinada área desperta o processo de desenvolvimento que é a combinação entre natureza e sociedade e com manifestações específicas em lugares divergentes com a possibilidade de incorporar atividades turísticas favorecendo empreendimentos nas localidades, como trilhas ecológicas, casas de artesanatos, meios de hospedagem, restaurantes e a interação do turista/visitante com todos os fazeres e saberes dos moradores das comunidades.

Dessa forma, os atores sociais que antes foram invisibilizados (residentes e os trabalhadores rurais), passam ao protagonismo e a terem novas possibilidades ampliadas, a partir das suas ofertas e, conseqüentemente, às demandas geradas pela atividade turística na construção da nova ruralidade.

Diante disso, o turismo sustentável surge para atender às necessidades das diferentes partes envolvidas nessa atividade, reduzindo os impactos negativos durante o tempo em que se aperfeiçoam os benefícios para o destino turístico.

Porém, como ênfase do desdobramento conceitual sobre sustentabilidade, convém estender essa discussão para ampliar a perspectiva de sustentabilidade do modo de vida, a cultura e características dos agentes de uma região. Pois, negar a utilização indiscriminada da sustentabilidade no turismo é ignorar a verdadeira significância e a quem se beneficia como fator de desenvolvimento a partir de uma percepção entendida.

O rural e as novas ruralidades, portanto, passam a ser compreendidos enquanto uma categoria analítica, política e social; categoria essa que carrega a diversidade das ligações entre espaços sociais, atores sociais e suas intervenções, inscritas no tempo e no espaço.

Para tanto, é possível destacar, a preponderância das ações implementadas pelo poder público para fortalecer o segmento do turismo. Esse caminho visa propor às comunidades o desenvolvimento da atividade turística em áreas de comunidades localizadas em espaços rurais de ricas particularidades.

#### **1.4 A Relação entre Poder Público, Comunidade e Artesanato**

Segundo Pereira (1999) na década de 60, surgiu a necessidade de discutir e avaliar quais os rumos que o Estado e os governos fazem através dos programas, projetos e as políticas. Na fonte das políticas públicas “encontra-se um ideal construído por Stuart Mill de como melhorar a ação do governo para que ele aumente o bem-estar dos indivíduos” (TAPIA, 1998, p. 51).

Em heterogêneas partes do mundo, buscam-se a superação quanto às melhores circunstâncias de vida. De modo geral, a sociedade tem observado, sentido e, sobretudo, repensado, quanto aos caminhos que podem ser trilhados para dissolver, ou ao menos abrandar, as desigualdades sociais em grande parcela significativa da população mundial.

Ressalta-se, que a globalização não penetra de forma amistosa em muitas das localidades, todavia estabelece seu sentido.

Os representantes públicos e órgãos de fomento têm apoiado procedimentos voltados ao associativismo e à cooperação entre grupos representativos de cidadãos, governos e empresas. A crescente análise sobre a importância do desenvolvimento

local constata-se, no presente, em consideráveis estudos, por tantas vezes em esfera nacional e internacional (ALCADE; LE BOURLEGAT; CASTILHO, 2007).

O levantamento das concepções sobre políticas públicas e desenvolvimento local perpassa por argumentações perenes e é um processo dilatado como forma de promover o desenvolvimento, para a contribuição no tocante à melhoria da qualidade de vida das comunidades, fornecendo competência para a melhoria das necessidades mais imediatas, e de incrementar o intercâmbio externo por meio de ações comunitárias conjuntas.

Portanto, é preciso entender o perfil da comunidade estudada, para conhecer e perceber os caminhos a serem percorridos, bem como os atores locais comprometidos no processo.

Gonzaga (2009, p. 36) afirma que é necessário abordar a influência intensa do processo de globalização sobre as localidades e diz que as “comunidades tradicionais acabaram absorvendo os padrões de consumo de massa e, com o desenvolvimento técnico-informacional, os lugares se tornaram mais próximos e sujeitos à influência dos elementos culturais externos”.

A partir da conjectura de dispor de proeminente potencial para ocupação e geração de renda e emprego no Brasil, a atividade do artesanato se situa como um eixo estratégico de valor e desenvolvimento das regiões. Razão pela qual vem adquirindo espaço em destaque e progressão no agrupamento de estratégias de atividade empreendidas, tanto pelo setor público quanto o privado (MARTINS, 1973).

Num contexto em que há demanda crescente, por parte dos consumidores, pela aquisição de produtos que agregam valores diferenciados e originais, o artesanato aflora como um contraponto à uniformidade e a massificação de produtos globalizados, quando promove o resgate da preservação cultural e a identidade regional.

Como alerta Castells (2009), a internet é a tradução do andamento das redes e está relacionada às circunstâncias associadas, ao poder de quem dispõe o lugar de fala. Portanto, pensar com base intrinsecamente social, a prática do turismo, promove encontros; daí a relevância da categoria a inovação e a tecnologia. Assim, acredita-

se na multiplicidade e dinâmicas socioculturais a partir da inter-relação-informação-cultura-turismo-consumo-turista.

Assim o desafio é propor a construção da identidade enquanto lugar de interesse para visitação, aquisição de produtos artesanais, ao turismo de experiência e/ou quaisquer manifestações de grupos e indivíduos, tornando-se espaço para a prática turística, no ponto de vista proposto por Mário Beni (2012, p. 21), já que, para o professor, “turismo é você propiciar ao turista a experiência de ser protagonista”.

O forte impacto que o artesanato gera na construção de uma identidade local, traduz a arte em suas múltiplas formas, contribuindo na caracterização de uma identidade cultural local. Diante disso, os coletivos são compostos da identidade que corresponde à sua significação social, definição que permite localizá-lo no conjunto social (CUCHE, 1999).

Destarte, compreender o papel do artesanato como impulsionador para o desenvolvimento em localidades que têm essa atividade como característica peculiar, torna-se relevante, uma vez que a questão da territorialidade e da identidade local vem ganhando notoriedade para a confirmação da existência de políticas públicas direcionadas ao crescimento socioeconômico de regiões com aspectos singulares.

O estudo de Gonzaga (2009), acerca do artesanato confeccionado em Alagamar em suas nuances, diz que:

Alguns aspectos do modo de vida da comunidade Alagamar, implicou uma nova configuração da cultura do território. Um exemplo concreto talvez esclareça melhor: o do artesanato, que antigamente era vendido apenas em feiras do interior de alguns municípios. Era produzido utilizando-se técnicas da terra, sem ornamentos. As peças desenvolvidas eram apenas duas, chapéus e bolsas simples. A imposição do mercado a este tipo de trabalho atingiu esta prática e talvez sirva para explicar a opção e transformação das preferências dos artesãos em relação ao tipo de artesanato escolhido para ser feito (GONZAGA, 2009, p. 56).

Diante desta explanação, a autora evidencia, quanto às novas necessidades geradas de acordo com a incorporação dos hábitos contemporâneos de característica urbana e, conseqüentemente, a geração de possibilidades à comunidade de Alagamar, para propor produtos e serviços inovadores na composição do artesanato, ofertados no mercado dos municípios sergipanos. Todavia, é importante considerar a alteração dos hábitos e costumes retratados no fazer artesanal cotidiano.

Com base no exposto, percebe-se que é importante compreender os diversos fatores que servem de estímulos ou de obstáculos para o desenvolvimento local. De acordo com o PDITS (BRASIL, 2013), é papel do Estado analisar a dimensão do desenvolvimento político, social, econômico, espacial, administrativo e financeiro, bem como preparar e mobilizar a comunidade para o desenvolvimento do turismo e oportunizar o desenvolvimento socioeconômico, que aquela atividade viabiliza através de instrumentos como: o Plano Diretor e a Lei Orgânica do município (BRASIL, 2013, p. 205).

De acordo ainda com o PDITS, referindo-se aos instrumentos de gestão municipal:

Os organismos municipais de turismo e as empresas que forma o trade turístico local, são a base indispensável para o fomento do turismo. É no município que o consumidor entra em contato com o produto turístico e realiza o ato de consumo. A preparação e mobilização da comunidade para o desenvolvimento do turismo leva ao seu envolvimento e à sua responsabilização diante da oportunidade de desenvolvimento socioeconômico que o setor proporciona (BRASIL, 2013, p. 205).

A ausência desses importantes instrumentos permite aferir há implicação direta no distanciamento de implantação de políticas de turismo que viabilizem a melhoria do turismo sustentável e, conseqüentemente, a qualidade de vida da população local.

Ao refletir sobre a realidade do município de Pirambu, a partir do disposto na figura 03, a seguir, observa-se que o município não apresenta situação satisfatória quanto ao Plano Diretor, Lei de Diretrizes Orçamentárias e Plano Estratégico.



Figura 03 - Instrumentos legais e de Gestão dos municípios do polo dos Coqueirais

Legislação/ Instrumentos de Gestão	Aracaju	Barra dos Coqueiros	Brejo Grande	Estância	Indiaroba	Itaporanga D'ajuda	Laranjeiras	Nossa Senhora do Socorro	Pacatuba	Pirambu	Santa Luzia do Itanhy	São Cristóvão	Santo Amaro das Brotas
Plano Diretor	■	■	■	■	■*	■	■	■	■	■	■*	■	■
Lei Orgânica	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Plano de Governo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Plano Plurianual de Investimentos	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Lei de Diretrizes Orçamentárias	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Plano Estratégico	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Lei do Perímetro Urbano	■	■		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Lei do Parcelamento do Solo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Lei Zoneamento ou equivalente.	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Legisl. Área Interesse Especial/ Social	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Código de Obras	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Código de Posturas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
<b>Órgão Setorial de Gestão/Fiscalização do Turismo e do Meio Ambiente</b>													
Secretaria de Turismo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Secretaria de Meio Ambiente	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Fiscalização Monitoramento. Ambiental	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

LEGENDA: ■ SIM ■ NÃO

\* Plano Diretor ainda não aprovado pela Câmara de Vereadores

Fonte: Prefeituras Municipais e Ministério das Cidades, 2011.

Fonte: BRASIL (2013)

O fomento ao turismo e ao artesanato configura-se, ainda, como possibilidade habitual junto aos projetos que valorizam e incentivam o desenvolvimento local, mediante as possibilidades, não apenas de implantação como a reimplantação de áreas “estagnadas”, como também podem facultar a recuperação da cidadania e da dignidade dos chamados “excluídos” (OLIVEIRA, 2007).

É possível pontuar que são as comunidades os lugares de necessidade para retomada da cidadania, através de ações que contribuam com o desenvolvimento local. Buchy e Rai (2008) destacam que as relações entre o lugar e o mundo, dimensionadas pelos territórios político institucionais, ressurgem de maneira mais relevante na atual conjuntura do mercado. Entretanto, a continuidade da ação

comunicativa do lugar visa ser portadora de sentido, na hipótese de novas formas de adaptação dos comportamentos sociais, para com os futuros ciclos de desempenho, além de instituir a força interna de desenvolvimento.

Vale ressaltar, um princípio de extrema importância para o desenvolvimento local, de acordo com Kashimoto, Marinho e Russef (2002), que é a cultura popular da localidade. Por ser originária das relações entre a comunidade do lugar e o seu ambiente (natural e social), a cultura concede o formato da identidade do lugar e de sua população. Segundo os autores, o reconhecimento da cultura popular colabora para que a sociedade estimule a individualização e a autoestima diante do “outro”, numa procura de desenvolvimento originário de sua própria criatividade e conforme os seus valores.

Pelo exposto, os aspectos citados nessa seção são considerados necessários para que o Estado fortaleça os municípios e aumente sua capacidade de gestão, viabilizada por instrumentos sistematizados, qualificações de gestores do turismo e políticas motivadoras para o envolvimento da comunidade local.

## 2 ESTRUTURA METODOLÓGICA

Para ter cientificidade, a pesquisa deve vir acompanhada de processos que auxiliem na descoberta de resultados coerentes e eficientes. Assim, a autora Dencker (1998, p. 105) explana que, “o detalhamento dos procedimentos metodológicos inclui indicação e justificação do paradigma que orienta o estudo, etapas de desenvolvimento da pesquisa”.

Destarte, a ferramenta para coletar e analisar os dados serve de recurso no sentido de otimizar os resultados de forma precisa. A integridade das informações e o tratamento dado na análise destas trazem à pesquisa a realidade com caráter científico do conhecimento (DENCKER, 1998).

Nesse sentido, a pesquisa com essas características exige do pesquisador uma percepção profunda da realidade de seu objeto de estudo; visto que, é impossível compreender o comportamento humano sem tentar estudar o referencial e a sociedade simbólica dentro dos quais os sujeitos apresentam suas ideias e suas atitudes (SILVA; MIDDLEJ, 2011). Isto posto, o pesquisador, pela razão de ter uma forte ligação de vivência com a região estudada, detém os elementos necessários para a pesquisa fenomenológica.

Em contrapartida, Prodanov e Freitas (2013) ressaltam que os critérios de cientificidade podem ser sistematizados certamente de outras formas.

[...] Devemos destacar, no entanto, que a intersubjetividade é tão importante para a ciência como os critérios internos, ditos de qualidade formal. Desse critério decorrem outros, como a comunicação, a comparação crítica, o reconhecimento dos pares, o encadeamento de pesquisas em um mesmo tema etc., os quais possibilitam à ciência cumprir sua função de aperfeiçoamento, a partir do crescente acervo de conhecimentos da relação do homem com a natureza (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 20).

Inegavelmente, este comparativo traz expectativas questionáveis da tradição científica. Gil (2008) declara que pela inexistência de delineamento enrijecido e da não-utilização de técnicas organizadas para coleta de dados, que caracterizam as pesquisas fenomenológicas, não há como negar o peso da subjetividade na interpretação dos dados.

Seguem, portanto, os elementos metodológicos desta pesquisa.

## 2.1 Caracterização da Pesquisa

Na reflexão conceitual de Marconi e Lakatos (2003, p. 82), “todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências”. Com esta afirmativa, é possível reconhecer que os métodos científicos não são exclusivamente da ciência, contudo a ciência não existe sem a aplicabilidade dos métodos científicos.

Dessa forma, pode-se caracterizar o método como:

[...] um conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 82).

A pesquisa necessita, portanto, de métodos e procedimentos precisos, planejamento eficaz, critérios e instrumentos adequados que passem confiança e credibilidade tanto aos envolvidos no processo quanto no resultado do trabalho (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Ademais, o primeiro passo para a elaboração desta pesquisa foi caracterizá-la no método fenomenológico, pois, para Gil (2008, p. 14), “o objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito”. Portanto,

[...] o intento da fenomenologia é, pois, o de proporcionar uma descrição direta da experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração acerca de sua gênese psicológica e das explicações causais que os especialistas podem dar. Para tanto, é necessário orientar-se ao que é dado diretamente à consciência, com a exclusão de tudo aquilo que pode modificá-la, como o subjetivo do pesquisador e o objetivo que não é dado realmente no fenômeno considerado (GIL, 2008, p. 14).

Diante deste conceito, acredita-se que as particularidades que conduzem ao conhecimento são fundamentadas pelas constatações que baseiam e explicam os resultados da pesquisa. O dado particular que orienta a pesquisa é o fazer artesanal, em Alagamar, realizado com a fibra vegetal do Ouricuri; e, através dessa escolha, surgiram várias perspectivas de análise mais amplas:

- i) a viabilidade e promoção do artesanato como atrativo turístico;
- ii) geração de trabalho e renda baseada no desenvolvimento sustentável;
- iii) o protagonismo do gênero feminino como ofício de artesão no desenvolvimento da atividade turística;

iv) salvaguarda do artesanato enquanto tradição cultural e identidade local, entre outras.

Assim, a fenomenologia, segundo Gil (2008, p. 15), “parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista”.

Quanto à natureza, esta pesquisa é definida como aplicada, pois de acordo com Gerhardt e Silveira (2009) e Prodanov e Freitas (2013), visa produzir informações que gerem ações práticas para minimizar adversidades singulares e preferências locais, utilizando a pesquisa ação com base em tecnologias existentes. Em complemento, Gil (2008, p.27) afirma que a pesquisa aplicada “tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos. Sua preocupação está menos voltada para o desenvolvimento de teorias”.

A pesquisa, de acordo com a sua forma de abordagem, é considerada qualitativa, visto que busca interpretar fatos ou fenômenos e atribuir significados através de análise que não pode ser mensurada estatisticamente.

Desse modo, Prodanov e Freitas (2013, p. 70) ratificam que:

Esta não requer uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo.

A análise qualitativa não quantifica valores e sim pretende descrever fatos e/ou fenômenos que apresentam possíveis soluções e empenho no conhecimento das ações referentes aos vínculos sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Isso posto, a pesquisa qualitativa será aplicada entre o grupo de pessoas envolvidas no processo do fazer artesanal da região.

Neste objeto de pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa investigativa, voltada para pesquisa ação, e percebeu-se que a tarefa residiu em buscar entender os seres humanos como indivíduos e atores sociais em sua totalidade e em seu próprio contexto.

O estudo em questão, classifica-se, segundo os objetivos, como exploratório e descritivo. O primeiro foi escolhido por possibilitar a familiaridade com o tema e o

segundo é a forma de apresentar o artesanato e suas etapas detalhadas de produção, visando a relevância para o desenvolvimento da economia local e do turismo (GIL, 2008), conforme abordados nos resultados.

Por sua vez, a técnica de pesquisa exploratória conduz a coleta de dados ao levantamento bibliográfico e documental, entrevistas, observações e estudos de caso (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008). Referente à pesquisa descritiva, a sua seleção foi devido aos registros e descrições de fatos realizados através de observação como participante e elaboração de um protocolo dessa observação, análise documental e estudos de caso, com o objetivo principal de realizar levantamentos de dados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A pesquisa descritiva enfatiza as características do povoado Alagamar, sua população, os aspectos econômicos especificamente advindos do artesanato, tal como a sua criação e venda, entre outras particularidades derivadas do objeto de estudo. Em contrapartida, de acordo com estudos de Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa exploratória é dividida como estudos “exploratório-descritivos combinados”:

São estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas, quanto acumulação de informações detalhadas como as obtidas por intermédio da observação (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 188).

Nesta pesquisa adotou o estudo de caso, pois, se analisa a produção comunitária genuinamente feminina do artesanato da fibra vegetal do Ouricuri. Com base no conceito de Gil (2008), tal estudo é identificado pela análise minuciosa de um ou de alguns instrumentos, fatos e/ou objetos, de modo a propiciar a sua ampla compreensão.

Em alguns momentos desta pesquisa, utilizou-se também a técnica da pesquisa-ação. De acordo com estudos de Tanajura e Bezerra (2015, p. 28):

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com função política, associada a uma ação ou a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, em que as pessoas implicadas possuem algo a ‘dizer’ ou ‘fazer’, além da preocupação de que o conhecimento gerado não seja de uso exclusivo do grupo investigado.

A metodologia empregada na pesquisa-ação não aborda uma simples transformação metodológica da sociologia clássica, mas de uma mudança na forma

de gerar e fazer pesquisa em ciências humanas, em que o cotidiano não é eliminado do procedimento de construção do conhecimento, tanto pelo pragmatismo quanto pela persistência dos sujeitos envolvidos (TANAJURA; BEZERRA, 2015). Prodanov e Freitas (2013, p. 60) completam que “são necessários alguns requisitos básicos para sua realização, entre os quais, severidade, objetivação, originalidade e coerência”.

Acerca dos procedimentos da pesquisa, isto é, o trajeto percorrido para conseguir as informações indispensáveis a sua estruturação, a pesquisa bibliográfica teve seu início através da leitura de livros, dissertações, teses, publicações em periódicos e artigos científicos. Os principais temas que nortearam a pesquisa foram: turismo, cultura, artesanato e turismo, a mulher no artesanato, a sustentabilidade e o artesanato, as comunidades rurais e o turismo, o planejamento da gestão pública em relação ao artesanato, entre outros. Ou seja, várias fontes de pesquisa que, conforme orientam Marconi e Lakatos (2003, p. 158) para esse tipo de estudo, significam “[...] um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

A pesquisa bibliográfica também retoma dados de fontes secundárias, “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183). Prodanov e Freitas (2013) alertam que o pesquisador deve averiguar a veracidade das informações pesquisadas, atentando para as possíveis incongruências ou discussões das obras publicadas.

O próximo passo foi a pesquisa documental através de fontes primárias de documentos escritos, tais como cartas, contratos, regimentos, estatutos, publicações parlamentares, fotografias, documentos oficiais, filmes, mapas e outros (MARCONI; LAKATOS, 2003), para buscar informações sobre Pirambu, Alagamar e o objeto estudado, indo a órgãos públicos estaduais e municipais, além de instituições privadas. “A pesquisa documental tradicionalmente vale-se dos registros cursivos, que são persistentes e continuados. Exemplos clássicos dessa modalidade de registro são os documentos elaborados por agências governamentais” (GIL, 2008, p. 147).

No decorrer da pesquisa, após os estudos exploratórios e documentais, foram realizados os levantamentos de campo, os quais consistem em levantar:

[...] informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186).

Em consonância com essas premissas, a pesquisa teve seus caminhos de estudo direcionados para o desenvolvimento, dando devida importância na coleta dos dados, análise e resultados.

## 2.2 Descrição do Ambiente de Estudo

De acordo com Maldonado (2009, p. 28), é nas comunidades que são definidos definem “os princípios, valores, normas e instituições que regem a forma de organização e convivência de um determinado grupo humano, que por sua vez os diferencia de outros atores da sociedade”, com o objetivo de assegurar a própria identidade cultural e o viver bem dos residentes. Quanto à institucionalização das comunidades, é certo dizer que é regido por normas sociais, econômicas e políticas, que regulam a forma de estar e os procedimentos no que se refere a tomada de decisão dessas comunidades.

Concebe-se ainda, pela visão desse autor que:

O patrimônio comunitário é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes em um povo. Através disso, se expressam seu modo de vida e organização social, sua identidade cultural e suas relações com a natureza (MALDONADO, 2009, p. 29).

O mesmo autor continua afirmando que, apoiado nessas premissas, o turismo tem vasto acervo e diversidade no tocante ao seu potencial de bens patrimoniais, ou seja, é um conjunto de recursos culturais, humanos e naturais que nutrem e tratam seus territórios.

Para Santos (2009), Alagamar possui uma cultura voltada à pesca e à extração de frutas como a Mangaba (*Harconia Speciosa*) e do Ouricuri (*Syagurus Coronata*), uma palmeira nativa bastante comum no nordeste brasileiro, cuja fibra vegetal é bastante utilizada pela população local para a produção de artesanato.

Na comunidade também predomina a agricultura de subsistência e, como complemento da renda familiar, a comunidade feminina produz artesanato (herança



dos antepassados) de palha de Ouricuri. A cultura imaterial dessa comunidade é esse artesanato trançado, que se constitui num traço forte na forma de sustentação econômica para os residentes, além das demais atividades produtivas.

Segundo os moradores mais antigos, o nome de Alagamar foi originado da junção das palavras ALAGADOS + MAR = ALAGAMAR, pelo fato de o povoado estar localizado num vale alagado que, visto do alto, tem a aparência de um mar durante o inverno.

O povoado, com mais de 150 anos, remonta aos tempos dos engenhos de açúcar próximos à atual Usina Santana, na região do povoado Badajós. Comenta-se que era comum a chegada de navios de pequeno porte no porto de Alagamar (antigo trapiche como é conhecido pela população), repletos de mercadorias e pessoas, o que confirma que o rio Brito era navegável e que dava acesso ao rio São Francisco. Sua população é constituída por povo mestiço, remanescente dos antigos povos quilombolas, de maioria católica.

Contam os moradores, que a comunidade de Alagamar festejava as fartas colheitas ao som de muito samba de bate coxa e que, ao longo dos anos, tal tradição foi praticamente extinta, ficando só na memória das pessoas mais idosas. Outra característica da cultura de Alagamar é a tradição do zabumba e dos leilões durante as festas do Padroeiro. Também resistem ao tempo, a quadrilha junina Flor da Ilha e o fazer artesanal.

Atualmente, em termos de infraestrutura, a comunidade de Alagamar apresenta arruado calçado de formato oval com paralelepípedos, dispondo de energia elétrica, uma escola (do pré-escolar ao ensino fundamental), pequenos comércios, praça pública, um centro comunitário, um campo de futebol, uma quadra poliesportiva, telefone público, torre de antena de celular, transporte rodoviário, posto de saúde equipado com uma ambulância emergencial, igreja católica, templo evangélico, espaço de eventos e oficina mecânica.

A figura 04 enuncia o povoado, através da vista de imagem área.

**Figura 04** – Fotografia aérea do povoado Alagamar.



Fonte: Registro fotográfico aéreo do Piloto Remoto (Maykon Julivans, 2019).

### **2.3 Etapas da Pesquisa**

A considerar essas questões de metodologia da pesquisa, as bases de dados são informações encontradas no decorrer do processo de investigação. São os dados que geram as referências e que promovem os conceitos necessários à pesquisa. Cohen (1993, p. 19) define a informação como “a resposta a um estímulo dado por certa unidade de análise”.

Assim, no primeiro momento, a pesquisa de campo no povoado Alagamar aconteceu no mês de julho de 2017, quando foi utilizada como técnica inicial de coleta de dados a observação. O tipo de observação foi a simples ou assistemática, também conhecida como não estruturada, espontânea, informal, livre e ocasional, e ocorreu com o intuito de compilar informações da realidade vivenciada na comunidade relacionada ao objeto de estudo (MARCONI; LAKATOS, 2003). “Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um expectador que um ator. Daí o porquê pode ser chamada de observação-reportagem, já que apresenta certa similaridade com as técnicas empregadas pelos jornalistas” (GIL, 2008, p. 101).

Na primeira visita de reconhecimento, foi possível identificar a produção artesanal da comunidade e a relação do grupo que cuida desse fazer, através da identidade cultural do povoado.

A elaboração do artesanato e sua cadeia produtiva caracterizam o povoado Alagamar, mas não pretere a existência de outras peculiaridades a serem pesquisadas na comunidade. Foram identificados no povoado algumas plantações, como: coco, mandioca e o florescer nativo da palmeira do Ouricuri, matéria-prima principal do objeto de estudo.

Ainda na pesquisa de campo, em visita *in loco* realizada a partir de julho de 2017, outra técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista (verbal/observatória). Trata-se de um método de interação social que busca um diálogo informal em que o entrevistador procura coletar informações e o entrevistado é a fonte de referências (GIL, 2008).

Os diálogos foram realizados com moradores artesãos da comunidade para elucidar as questões pertinentes à pesquisa. As variáveis abordadas foram:

- i) o processo de venda do artesanato;
- ii) aspectos sobre a estrutura organizacional do coletivo de artesãos;
- iii) desenvolvimento de elaboração do artesanato;
- iv) benefício monetário das peças comercializadas;
- v) preocupação com a sustentabilidade ambiental;
- vi) atividades econômicas do povoado e;
- vii) envolvimento da comunidade com instituições públicas e privadas.

Conforme Gil (2010), nesse contexto, a informalidade de um diálogo é fonte direta de coleta de dados e possibilita identificar significados, motivações e aspirações, crenças envolvidas, valores e atitudes contidos nas informações fornecidas pelos participantes.

Nas categorias e dimensões de análise da pesquisa, é possível elencar os títulos de acordo com a necessidade de viabilizar a pesquisa. Desta forma, a seguir apresenta-se a figura 05, na qual se explicitam algumas das demandas voltadas à pesquisa.

Figura 05 – Categorias e dimensões de análise

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
<b>Turismo</b>	Históricos, desenvolvimento da atividade turística, comunidades rurais.
<b>Cultura</b>	Identidade, turismo cultural, cultura local.
<b>Artesanato</b>	Artesanato, turismo e empreendedorismo
<b>Mulher no Artesanato</b>	Protagonismo, gênero/mulheres.
<b>Pirambu e Alagamar</b>	Localização geográfica, aspectos socioeconômicos e culturais, planejamento da gestão pública e o artesanato.
<b>Cadeia Produtiva</b>	Matéria-prima, confecção e produção artesanal, comercialização, desenvolvimento local e atividades complementares.

Fonte: Organizado pela autora (2018).

Nas visitas de pesquisa de campo, as técnicas utilizadas foram entrevistas semiestruturada e observações sistemáticas, com representantes artesãos do povoado, bem como os institucionais das esferas públicas e privadas. O tipo de entrevista aplicada foi a semiestruturada, que é quando “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

Referente à análise dos trabalhos das artesãs, a técnica de pesquisa utilizada foi a oficina. Conforme Furtado e Furtado (2000), é pelo diálogo e discussão conjunta sobre a troca de experiências e vivências de situações reais, que há uma valorização na aprendizagem e enfatiza a construção coletiva do conhecimento. Para os autores, “[...] a implantação e o desenvolvimento dessa metodologia de trabalho de construção coletiva envolvem os participantes num amplo processo, que exige compreensão e interação de todos os tipos e em todos os níveis” (FURTADO; FURTADO, 2000, p. 46).

Estas ferramentas funcionam como facilitadoras da percepção, nos diálogos e discussões; valorização de cada intervenção e relato produzido no ato da oficina pelos

integrantes como cumprimento de tarefa grupal, com seus reflexos para o estudo a que se propõe.

Por seu lado, Mielke (2009, p. 23, 27) dialoga afirmando que:

[...] cada comunidade tem sua própria dinâmica para discutir seus problemas e apresentar soluções. Todo o processo envolve reuniões (oficinas) de trabalho, em que a participação de todos é fundamental" [...]. É necessário salientar sobre a [...] importante presença do mediador para nortear as discussões e pautá-las, pois, discussões construtivas são sempre bem-vindas [...].

O objetivo dessa articulação é coletar informações relevantes ao desenvolvimento progressivo da pesquisa. E esse material é composto pelos próprios membros residentes da comunidade em estudo, pois fortalece a comunidade com o trabalho reflexivo proporcionado pelas intervenções, culminando nos resultados.

As oficinas de grupo, como metodologia suporte, são formas de intervenção que consiste em reunir pessoas de uma comunidade em alguns momentos, para trabalhar temas que focam questões prioritárias, das quais nos grupos observados o pesquisador concretiza seus objetivos, uma vez que, são utilizadas técnicas, dinâmicas de grupos e subsídios teóricos.

A seguir, as figuras 06 e 07 apresentam oficina como recurso metodológico, reunindo as artesãs, estagiárias e a autora no transcorrer da atividade.

Figura 06 – Grupo de artesãs durante a realização da oficina



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Figura 07 – Comunidade de artesãs reunida a participar da oficina



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

### 3 PROCESSO SOCIAL DE PRODUÇÃO DO ARTESANATO

Ao descrever o processo de produção no povoado Alagamar, constata-se que há a valorização do artesanato confeccionado a partir da fibra vegetal da palmeira do Ouricuri. Este artesanato é feito através da produção manual de diversas peças de tranças que vão ganhando formas de acordo com a criatividade do artesão.

O estudo da importância do artesanato, neste povoado, vem elucidar o seu desenvolvimento para o turismo, na expectativa de contribuir para a economia local e a visibilidade dos produtos feitos artesanalmente por mulheres e alguns homens que auxiliam nesse processo. Como cita Macedo Tabosa (2007), essas diversas fases compreende “a cadeia produtiva artesanal”.

Observa-se, que o desenvolver artesanal é constituído por uma sequência de atividades complementares, ligadas entre si para produção do fazer artesanal. A priori, em Pirambu/Alagamar, tais sequências são divididas nos seguintes segmentos:

- 1) a extração da matéria-prima;
- 2) o processo de secagem da palha;
- 3) seleção da fibra para tecer;
- 4) retirada do linho;
- 5) o trançar do viés;
- 6) a confecção artesanal;
- 7) o acabamento;
- 8) a comercialização ao consumidor final.

O processo social de produção inicia de forma continuada, obedecendo um ritual exercido cotidianamente, com a colheita da matéria-prima do Ouricurizeiro, na qual os artesãos fazem a retirada da palha *in natura* extraída com ajuda de um gancho e um facão, cujas palmas são organizadas em forma de feixes e posteriormente separadas uma a uma, para que seja iniciado o processo de secagem, elaborado o trançado que resulta nas peças artesanais.

As figuras 08, 09, 10 e 11, a seguir, registram a realização de algumas dessas etapas.

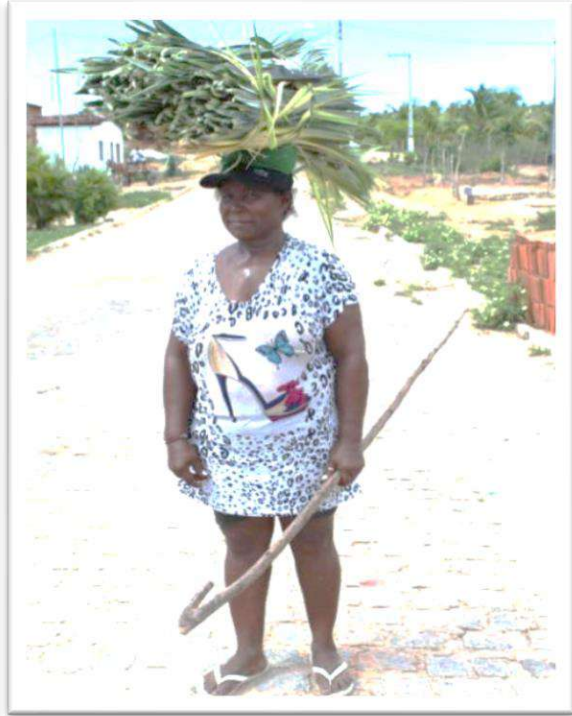


Figura 08 – Extração da fibra do Ouricurizeiro no campo



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Figura 09 – Moradora com feixe de palha extraída do Ouricurizeiro



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Figura 10 – Palha exposta na calçada para iniciar a amarração e secagem



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Figura 11 – Palha amarrada e preparada para secagem



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

De forma específica, foram observadas uma das etapas da cadeia produtiva do artesanato: os artesãos espalham de maneira ordenada, na frente de suas casas, a fibra vegetal do Ouricuri, dita por elas como palha de Ouricuri ou “Dicuri”, para secar.

Esta atitude é parte do ritual que eles iniciam, a partir da colheita dos ramos das palmeiras, antes do processo de secagem da fibra, para, assim, prosseguirem com o trançado, o viés e elaborar com criatividade cada peça usando simples instrumentos como mostram as figuras 12, 13 e 14, respectivamente.

Figura 12 – Artesã no trançado do viés



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

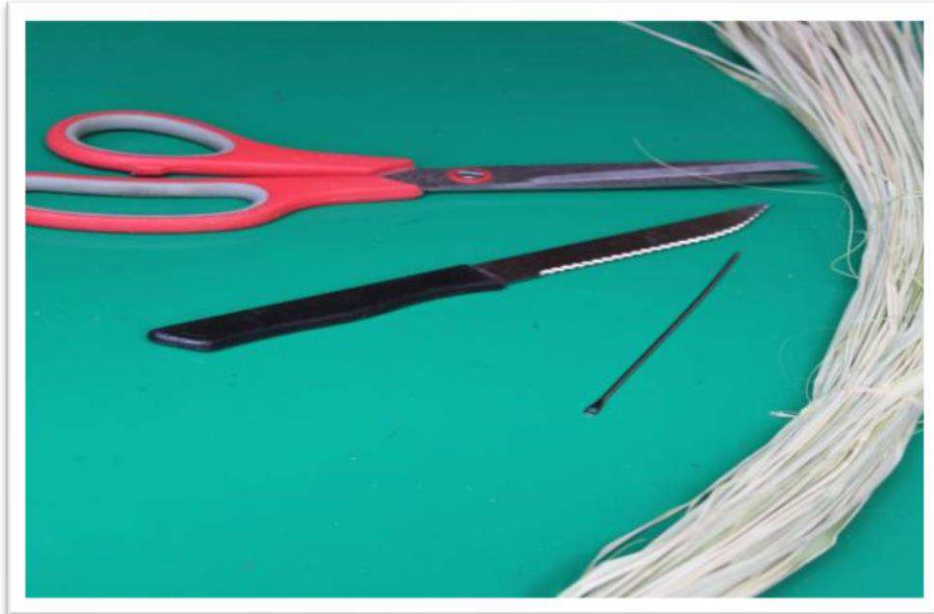
Figura 13 – Rolos de viés já trançados



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).



Figura 14 – Instrumentos que ordenam e dão acabamento ao artesanato



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Na figura acima visualiza-se alguns dos instrumentos (tesoura, agulha, faca, linho/linha da própria fibra) utilizados para montar e fazer acabamento no artesanato.

Vale evidenciar, que a única peça confeccionada com molde fixo e tradicional é o chapéu, conforme figura 15, abaixo:

Figura 15 – Molde de madeira para confeccionar o chapéu



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Para este há uma base de madeira arredondada, da qual as artesãs emendam os vieses dando seu devido formato único.

O trançado de vários fios da fibra de Ouricuri é realizado para produção do viés como base, e posterior arremate deles para dar formato ao artesanato em suas diversas formas e de acordo com a criatividade de cada artesão. Vide figura 16.

Figura 16 – Artesã a realizar a trança do viés.



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Todavia, de maneira pontual, é possível presenciar entre os artesãos um ou outro molde de papel Paraná, no feitiço do artesanato a depender do modelo desejado, conforme se observa na figura 17.

Figura 17 – Artesã a trabalhar peça artesanal em molde provisório de papel.



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).



Assim, é criada uma diversidade de peças trançadas manualmente que ganham formato de bolsas, cestas, porta-guardanapos, *sousplat*, chapéus, vassouras, esteiras, espanadores, miniaturas, entre outros trabalhos desenvolvidos de forma singular e que representa a cultura local, conforme pode ser visualizado na figura 18.

Figura 18 – Exposição da diversidade de produtos artesanais



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Aqui já com o formato finalizado estes produtos são expostos para venda nas próprias residências ou tem suas vendas previamente realizadas pelos atravessadores. A seguir, na figura 19, estão exemplos de outros materiais produzidos, como a cestaria trançada em formato arredondado, em ponto aberto, com detalhes da palha tingida com anilina nas cores vermelho e verde.

Figura 19 – Artesanato exposto no interior de residência no povoado Alagamar



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Conforme pode ser observado na figura 20, em alguns momentos o processo de confecção do artesanato acontece de forma coletiva, no ambiente familiar e de vizinhança, através de ações contributivas e fortalecendo laços afetivos.

Figura 20 – Grupo de artesãs com seus trançados em mãos



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Na figura 21, a seguir, é possível observar a forma de exposição das peças artesanais na porta de uma das casas, quando já formatadas, de forma a continuar a secagem, enquanto as artesãs iniciam a organização para entrega da encomenda ao cliente.

Figura 21 – Peças expostas nas calçadas das artesãs



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).



De alguma maneira as artesãs revelam sobre a movimentação dos clientes entusiasmados pela aquisição da produção artesanal, na medida em que, são estas pessoas as responsáveis pela iniciativa das encomendas regulares. E, conforme demanda para a mercadoria é fato apalavrar o dia e turno para recolhimento das peças. Desta forma, fica acordado que toda quinta-feira à noite os responsáveis vão *in loco* adquirir a produção para revenda.

Foi possível perceber em termos de percentual, que no momento 90% da produção é comercializada em Sergipe, eventualmente há encomendas para outros países e para os demais Estados da Federação, com maior frequência para o Rio de Janeiro e São Paulo.

As figuras 22 e 23 mostram os modelos de algumas peças preferidas pelos clientes e prontas para venda.

Figura 22 - Peça trançada em ponto aberto



Figura 23 - Peça trançada em ponto fechado



Fonte: Registros fotográficos pela autora (2019). Fonte: Registros fotográficos pela autora (2019).

O trançado com a palha do Ouricuri é predominantemente um fazer feminino, porém foi observada a presença de alguns homens na extração da matéria-prima e em algumas outras ações necessárias ao cotidiano do processo artesanal, sendo um deles diretamente ligado a confecção/criação artesanal.

Na figura 24, a seguir, é possível ver o trançado feito por um artesão do gênero masculino. Imagem adquirida em uma das visitas técnicas no decorrer da pesquisa, na residência do citado.

Figura 24 – Mandalas trançadas da palha e criada pelo representante masculino.



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sustentação da proposta apresentada como estudo, partiu do princípio da formulação dos objetivos, que justificam a base da relação com a realidade dos artesãos do povoado Alagamar, no município de Pirambu/SE, e a contribuição científica para o desenvolvimento do litoral norte de Sergipe.

Essa mesma proposta também aproveitou para mencionar a atividade turística cultural; oferecer uma forma adequada para divulgação do artesanato produzido pelos membros da comunidade e gerar demanda turística; atrair o público consumidor em geral; estimular práticas conscientes e sustentáveis, em prol do meio de vida da comunidade e seu espaço social e econômico.

Para tanto, foram consideradas todas as possibilidades de mobilização na pesquisa diante da comunidade de Alagamar, no município de Pirambu/SE, para elaboração do produto deste estudo e na tentativa de colaborar na redução das desigualdades sociais observadas na comunidade.

A partir da pesquisa foi gerado um catálogo “Mãos que Trançam”, que retrata a produção artesanal das mulheres tranceiras do povoado Alagamar, a fim de contribuir como referencial para a divulgação da cultura da artesanaria do Estado de Sergipe. O catálogo apresenta características, imagens e histórias referentes à tradição dos saberes e fazeres, bem como o processo do feitiço das peças artesanais de Alagamar.

A relevância da pesquisa, com relação à dinâmica do povoado Alagamar, através do diagnóstico de características cotidianas dos moradores, dará o estímulo ao prosseguimento dos estudos, com a perspectiva de aperfeiçoar os resultados, conforme o escrito da pesquisa e o produto, através do catálogo impresso e/ou virtual.

A oficina, enquanto recurso metodológico da pesquisa, possibilitou a participação comunitária e contribuiu para o alcance dos resultados. Para além disso, o uso de alguns elementos e recursos que compõem o leque de trabalho na oficina, a exemplo de painéis escritos, registros fotográficos, presença da contação de histórias, momento de interação e, sobretudo, as manifestações provindas do fazer artesanal, possibilitaram conhecer aspectos relevantes sobre a comunidade de Alagamar e sua forma de organização para a produção do artesanato trabalhado pelo grupo de artesãos daquela comunidade. Assim como, o significado da descendência de

negros–quilombolas que viviam na zona rural e se utilizavam da matéria-prima nativa sem interferência do homem.

A atuação, na localidade, tem o cunho de fortalecimento da autoestima, de ações contributivas e participativas. Para alcançar essa conquista, foi elaborado um catálogo promocional, impresso e virtual, que tem a intenção de dar visibilidade ao artesanato confeccionado pelo grupo feminino e, conseqüentemente, a conquista de um espaço mais evidente diante da sociedade e da atividade turística.

Além disso, propiciou a evidência da identidade cultural de uma comunidade e o destaque do seu papel diante da importância em salvaguardar elementos tradicionais de sua história e de seu patrimônio cultural imaterial. Também, pretende-se salientar a significância da continuidade das ações de integração para a geração de emprego e renda.

Seguindo essa linha de conduta para com os resultados da pesquisa, imergiu-se na produção de um catálogo como instrumento facilitador para divulgação da produção artesanal e das potencialidades turísticas do entorno, do modo de vida próprio e identitário existente nessa comunidade do município de Pirambu, a fim de demonstrar toda essa potencialidade para os turistas de maneira mais atrativa que oportunize conhecimento prévio para realizar a visitaçã. Na figura 25, pode-se perceber as mãos da artesã trançando a cestaria.

Figura 25 – Técnica de trançado para cestaria no povoado de Alagamar



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).



Ela é moradora e artesã local, o exemplo vivenciado de como se procede em uma das fases da cadeia produtiva do artesanato da fibra vegetal da palmeira do Ouricuri.

#### 4.1 O Papel das Mulheres no Artesanato de Alagamar

Observa-se, na referida comunidade, uma relevante divisão do trabalho em relação ao gênero. As mulheres organizam-se para o feitiço do artesanato contribuindo com a renda familiar, uma vez que os homens desempenham em sua maioria funções ligadas a agricultura e/ou pesca.

No entanto, historicamente, a aprendizagem artesanal, das mulheres, está diretamente vinculada às suas famílias, nas quais as figuras femininas: bisavós, avós, mães e tias ensinam desde a infância, nos espaços de casa, o desempenho do papel de protagonistas nos seus saberes e fazeres artesanais, além da forte influência dos espaços externos de formação e convivência, que comungam e colaboram em afirmar a atuação feminina nesta atividade, como pode-se verificar na figura 26, a seguir:

Figura 26 – Principais influências sobre o aprendizado do ofício de artesã (o)



Fonte: A autora (2019).

O ofício da artesanaria, relacionado ao universo feminino, é caracterizado como longa continuidade histórica, pois deu-se com o aprendizado transmitido pelos antepassados. Hoje, realizam o trançado tal e qual esse saber familiar adquirido que surgiu como uma alternativa de trabalho, porém, como se fosse uma atividade doméstica culturalmente atribuída às mulheres. As mulheres, portanto, se articulam e dialogam quando necessário para a organização das demandas e encomendas pertinentes à palha. Porém, é normal que algumas delas tenham um fazer artesanal

individualizado e, pode-se até arriscar dizer que, em sua maioria, tal atividade se sucede de maneira meio solitária.

Já a realização das atividades relacionadas ao trançado em grupo, transcorre de acordo com suas afinidades pessoais, por se tratar de uma comunidade onde a maioria dos habitantes têm grau de parentesco e/ou são amigos que vieram ocupar espaço de moradia e trabalho a partir de laços amistosos.

Através do trançado da palha, o grupo de mulheres artesãs produz de acordo com as encomendas, e a partilha do lucro é em concordância com a produção individual, no meio familiar ou entre amigas.

Cada artesã normalmente participa de todas as fases do fazer, ou seja; desde a extração da fibra do Ouricuri à venda do artesanato. Dessa forma, fica evidenciado a relevância do gênero feminino nas relações sócio-produtivas definidas na efetuação do trabalho.

A vivência na gestão do turismo e da cultura proporcionou a participação em alguns eventos (feiras, exposições, salões de turismo, congressos e outros), onde foi possível conhecer, aprender e a experienciar novas perspectivas sobre esses dois estudos. Portanto, hoje é possível perceber o artesanato das mulheres de Alagamar e de tantos outros municípios sergipanos compondo a beleza do conjunto das artes manuais representativas do fazer artesanal do nosso Estado.

Hoje, o fazer artesanal constitui a principal atividade rentável realizada por dezenas de artesãs, numa comunidade reconhecida com pouco mais de 500 (quinhentos) moradores, para além de ser uma referência cultural pelo seu saber artesanal.

As figuras 27 e 28 registram as artesãs que participam dessa experiência de vida, quando comumente se faziam presentes nos citados eventos representando os artesãos e o artesanato do povoado Alagamar.

Figura 27 – Artesã experiente nas participações em eventos turísticos.



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Figura 28 – Artesã no trançado



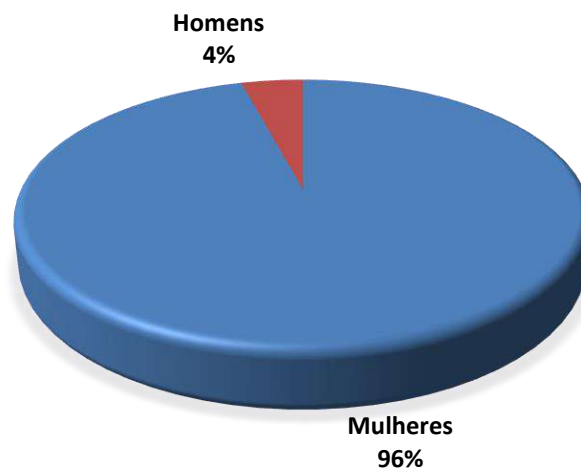
Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

O artesanato em palha do Ouricuri é responsável pela ascensão econômica e social de muitas mulheres que se desabilitaram do trabalho na agricultura/roça e pesca, para se inserir na atividade do fazer artesanal e custear, em parte, a manutenção das suas casas a partir da venda de sua realidade produtiva. Pois assim, junto aos maridos, assumem o papel de colaboradoras.

Observou-se ainda, que as poucas falas masculinas tendem a esclarecer seus movimentos em torno da família, como assistente do artesanato confeccionado pela mulher, embora toda família esteja inserida no processo do fazer artesanal, mesmo que nos afazeres primários.

Reafirma-se, de acordo com a figura 29, a predominância das mulheres na cadeia produtiva do artesanato, e configura-se a reduzida participação do gênero masculino nessa atividade, que muitas vezes acontece pontualmente em poucas fases da divisão social do trabalho artesanal.

Figura 29 – Percentual de mulheres e homens na cadeia produtiva



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Pode-se verificar, assim, que a participação das mulheres na produção do artesanato no povoado Alagamar é extremamente significativa em comparação à participação masculina. É relevante, portanto, que o povoado Alagamar tenha como atividade característica o trabalho manual das mulheres na produção de peças artesanais, uma maneira não só de preservar uma tradição repassada há várias gerações, como também uma forma de gerar independência, desenvolver criatividade, agregando conhecimento e respeito ao artesanato, fatores que originam uma representatividade significativa de oferta ao turismo.

## 4.2 O Processo de Extração da Fibra Vegetal do Ouricuri à Produção da Artesania

Com o processo artesanal, a extração da fibra tem diferentes contextos sociais, quando perpassa pelas necessidades humanas de sobrevivência:

- i) a começar do artesão em ter de obtê-la para trançar e dar forma as suas peças, em que a própria mulher artesã vai colher a matéria prima nos campos de vegetação original da região, que evidencia a palmeira do Ouricurizeiro;
- ii) aos pais de família que seguem o papel de fortalecer o fazer artesanal com ações que ajudam as mulheres artesãs a terem em suas mãos o elemento mais importante que é a fibra/palha do Ouricuri;
- iii) e, finalmente, o mais novo episódio visto em um dos momentos de observação *in loco*, que é a entrega da palha nas casas das artesãs, através de jovens que encontraram como meio de trabalho e renda essa prática de extrair a matéria prima nos campos de Alagamar e nos demais povoados circunvizinhos, seja do município de Pirambu ou no de Pacatuba.

Então, fundamentando-se na pesquisa constatou-se que a colheita da fibra já não é mais exclusividade das famílias de artesãos, mas de todos os residentes que têm conhecimento do valor desta matéria-prima para a criação da artesanaria.

Esse procedimento vem agradar às mulheres artesãs pela praticidade e conforto sugerido por essa ação, e gera o sentimento de colaborar com o outro, através da geração de renda mesmo que esta pareça irrisória, todavia tem importância para a região que convive com a carência de ocupação e trabalho para os jovens.

## 4.3 O Impacto do Artesanato na Sustentabilidade Social, Econômica e Ambiental

É preciso afirmar que, ao incentivar o turismo, é necessário uni-lo a medidas de conservação e preservação ambiental, a fim de proteger o patrimônio natural do povoado.

Portanto, paralelamente ao turismo, deve-se trabalhar a sustentabilidade ambiental que assegura o desenvolvimento compatível com a manutenção do processo ecológico, através da utilização racional dos recursos naturais incorporados às atividades turísticas e à capacidade de suporte aos ecossistemas para evitar a

pressão humana. A sustentabilidade sociocultural aponta, também, a necessidade de garantir valores, práticas e a diversidade cultural da comunidade acolhedora, bem como a sua integração.

A extração da fibra vegetal do Ouricurizeiro é realizada por homens, mulheres e, pode-se dizer que, também pelos demais membros da família, sendo o conhecimento da retirada da palha passado de geração a geração, com destaque à evidente preocupação e naturalidade da herança desses conhecimentos para a comunidade de Alagamar.

Assim, observa-se a dependência de praticamente todas as famílias em relação aos recursos naturais extrativistas, a exemplo da fibra vegetal do Ouricurizeiro. Bem como a combinação de estratégias variadas de sobrevivência, neste caso o trançado da palha para o artesanato.

O artesanato está entre as principais fontes de renda, o quantitativo de famílias que exercem a atividade é significativo, porém, nem todas explicitam rendimentos monetários, seja por não saberem a base ou pelo fato de a arrecadação pela produção ser voltada basicamente para as despesas de consumo diário, e nem terem tempo suficiente para contabilizar.

Ainda referente ao aspecto econômico, foi notado que a comunidade sobrevive, além do artesanato da fibra vegetal do Ouricuri, da pesca artesanal, da cooperativa de farinha, do recurso do defeso, que trata de uma medida monetária de recurso pesqueiro evitando a pesca nos períodos de reprodução dos organismos aquáticos (GONZAGA, 2009).

Segundo relato de algumas artesãs, o defeso é o motivo primordial para não ser dada continuidade a associação criada como forma de organização das artesãs e atividade fim que é o artesanato.

#### **4.4 O Papel do Poder Público no Turismo de Pirambu**

Pirambu é um dos municípios dos 13 que compõem o Polo Costa dos Coqueirais, todavia, não dispõe de Planos Diretores elaborados, o que atualmente é motivo de maior preocupação, sobretudo pela implantação da Rodovia Estadual “SE 100 Norte”, hoje adiantada e em fase conclusiva.

Tal rodovia leva facilidade na acessibilidade, o que atrairá o desenvolvimento não só das atividades turísticas, como da ocupação territorial, através de empreendimentos imobiliários, e trata-se de uma zona com áreas de grande fragilidade ambiental. Essa mesma rodovia leva dá acesso ao Povoado Alagamar.

O Povoado é um coletivo de moradores localizado na zona rural do Município de Pirambu, Estado de Sergipe, com população aproximada de 670 pessoas, distribuídas entre as mais de 150 famílias que compõem a comunidade. E aproximado ao povoado foi construído o Projeto de Assentamento Agroextrativista São Sebastião, que foi o primeiro dessa modalidade em Sergipe.

Na figura 30, observa-se a praça do povoado Alagamar, onde encontra-se a igreja matriz, cujo padroeiro é São Sebastião, festejado no mês de janeiro. Nesta praça, os moradores se reúnem quando vão à missa, participam das festividades religiosas e a utilizam como ponto de encontro.

Figura 30 – Praça do Povoado Alagamar - Igreja São Sebastião.



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Pelo exposto, o delineamento de ações contributivas para a melhoria das condições de vida das pessoas e a conservação dos recursos dos quais dependem para sobreviver, através de uma gestão participativa entre os municípios circunvizinhos e suas comunidades, pode ser uma saída para que não haja a exploração do turismo desenfreado em áreas de preservação ambiental, bem como a incorporação da especulação imobiliária.

Um bom exemplo são as mulheres que atuam na produção do artesanato; os demais residentes, que compartilham disso colaborando com a colheita da matéria-prima e outros feitos; órgãos municipais e gestores, que atuam diretamente nas políticas públicas do município de Pirambu.

Nesse sentido, nessa construção possivelmente pode-se criar ferramentas que garantam a preservação das comunidades instaladas em seus povoados. Assim como, fortalecer a verdadeira identidade local.

#### **4.5 Ações de Fortalecimento das Relações entre Turismo e Produção Artesanal no Povoado Alagamar**

A partir dos diálogos mantidos entre as mulheres que formam o coletivo das artesãs em ocasiões diversas, principalmente, quando na oportunidade das visitas técnicas para observação, aplicação dos questionários e durante oficina, foi possível obter representatividade na fala da comunidade de artesãs entrevistadas como forma de fortalecimento para o ofício de ser artesã, sua produção e quais caminhos percorrer.

A comunidade de Alagamar amplia suas perspectivas para o desenvolvimento local através do empoderamento do ofício de ser artesã e da produção artesanal diária. Surgem manifestações com ideia inovadora a partir do turismo criativo e de experiências, no qual o turista/visitante, além de escolher o seu destino também seleciona a experiência que ele viverá, e poderá interagir com a comunidade local vivenciando experiências únicas.

Para essa classificação do turismo o turista/visitante deve estar disposto a realizar essas novas vivências com troca de conhecimento. Esse tipo de turismo começou a ser praticado na Europa e outros continentes, onde atrai grupos interessados. No Brasil, perpassa pelo viés do Turismo de Base Comunitária (TBC) e com a perspectiva de desenvolvimento regional e sustentável. E em Alagamar não é diferente, a troca de experiências é iniciada entre moradores dessa comunidade como mostra a figura 31, que reunidas se organizam para receber o novo com discernimento e competência.



Figura 31 – Momento integrativo para pensar o artesanato com vistas ao turismo.



Fonte: Registro fotográfico pela autora (2019).

Acredita-se que, a criação do catálogo como forma de promover o artesanato pode dar valor a produção local, despertar interesse do turista/visitante e gerar crescimento monetário.

Ademais, o citado catálogo estará virtualmente a disposição, por meio de um *site* próprio para que os interessados possam acessar o preâmbulo da história de Pirambu, Alagamar e demais informações, tais como o processo social da produção, desde o extrativismo ao produto final que é o artesanato.

Paralelamente, os catálogos impressos estarão nas mãos da comunidade de artesãs e em lugares estratégicos, a exemplo de bibliotecas, museus, prefeituras via órgãos responsáveis pelo turismo e/ou cultura de Pirambu, Aracaju, Barra dos Coqueiros, Japaratuba, Carmópolis, Brejo Grande, entre outras instituições e entidades. Quanto à inovação, o resultado será dado pelas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. O entendimento para criação dessas redes é a facilidade e o ganho de tempo para acessar a informação, e, a promoção das habilidades artesanais de populações tradicionais como é Alagamar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo pode ser considerado uma combinação de inter-relações entre produtos e serviços integrados a uma realidade social balizada na cultura, nos costumes, na herança histórica, no meio ambiente, nas relações sociais de hospitalidade e a permuta de conhecimentos interculturais. O conjunto desta dinâmica entrecorre a geração de importantes reflexões, estudos e pesquisas sobre o turismo.

O artesanato brasileiro é referenciado como um dos mais ricos e expressivos do mundo e é revelado de múltiplas maneiras, em que cada região tributa de forma significativa para enobrecer esses produtos. A pluralidade cultural do Brasil evidencia o país como um núcleo fecundo de artes e esse conceito garante a subsistência de diversas famílias e comunidades brasileiras.

A contribuição positiva na produção de artesanias não seria diferente no território sergipano, a tradição que é passada durante décadas entre as famílias, e por que não dizer entre as comunidades é o que tem mantido viva a arte ainda presente na cultura de um povo, assim como o sentido de pertencimento que faz parte da formação sócio cultural dos moradores locais.

Alagamar, mesmo sendo um lugar pequeno, necessita de incentivos para estimular o turismo na região, de forma a valorizar a produção artesanal de artefatos confeccionados da palha do Ouricuri. Além disso, o povoado encontrar-se numa zona litorânea que possui atrativos naturais em seu entorno, a exemplo de mar, rios, reserva ecológica, dunas e lagoas.

No entanto, os relatos da comunidade têm múltiplas variantes, como ocorreu durante a pesquisa em momentos de observação, escuta, entrevistas e aplicação dos questionários, entre os diferentes membros da comunidade.

Algumas contradições acontecem para viabilizar a produção e comercialização do artesanato, a saber: o desinteresse para criação de associação e cooperativa como recurso gerador de renda, haja vista o recebimento do pagamento do defeso da pesca; e a comodidade na aquisição da palha hoje com atravessadores para fornecimento, o que acarreta na dependência de terceiros para viabilizar a matéria-prima.

Entende-se que o feito à mão é representativo na relação turismo e artesanato. Neste sentido, no aspecto social o artesanato colabora na possibilidade de manter a

tradição cultural. No aspecto econômico, estimular a geração de renda e incentivo a outros segmentos do turismo na região.

Sendo assim, a contribuição deste trabalho acontece na perspectiva da elaboração de um catálogo turístico impresso e virtual com as peças produzidas pelas artesãs do povoado Alagamar, com vistas a corroborar no processo de planejamento e gestão pública, valorizando a cultura local e criando políticas públicas, que contribuam para o desenvolvimento sustentável.

A partir dos saberes da comunidade de Alagamar, da sua produção artesanal com a fibra vegetal do Ouricuri, seguido da importância do turismo na localidade, o catálogo foi desenvolvido no formato impresso e virtual, de forma inovadora e tecnológica para auxiliar no desenvolvimento regional do turismo.

Em Alagamar pôde-se observar esse quesito cultural, em que o ofício do artesanato com o Ouricuri é passado de geração a geração como uma riqueza familiar e é essa transmissão que permite ao artesão tornar esse mister um patrimônio cultural da sua comunidade. Isso fornece um sentido social a esta localidade.

Ao se estimular o turismo e sua influência positiva no desenvolvimento de uma localidade, é preciso afirmar que esse processo deve ser feito respeitando as normas de conservação e preservação ambiental, visto que, a matéria-prima usada para a produção artesanal no povoado Alagamar, a fibra natural do Ouricuri, é um bem de origem natural que se não for conscientemente explorado pode se esgotar, havendo assim, a extinção natural não só desse elemento, como também de toda produção artesanal deste lugar.

Nesse sentido, paralelo ao incentivo turístico é necessário trabalhar a conscientização da população a respeito da extração e replantio dessa palmeira, a fim desse produto ser algo duradouro e renovável. Por esta razão, ao estimular o turismo em Alagamar, surgem possibilidades para divulgar o trabalho realizado pela população artesã, assim como, o desenvolvimento de outros segmentos turísticos contribuindo para potencializar o desenvolvimento sustentável.

Referindo-se ao desenvolvimento desta pesquisa científica junto ao Instituto Federal de Sergipe (IFS), através do Programa do Mestrado Profissional em Turismo (PPMTUR) é possível relatar que houve aproveitamento acerca da pesquisa

bibliográfica, documental e de campo, o aprendizado e troca de experiências para se chegar aos resultados.

A realização deste trabalho pretendeu estudar o processo do fazer artesanal do princípio ao fim, bem como valorizar e promover este ofício. E por ser um mestrado profissional, a instituição IFS tem como resultado os seguintes instrumentos frutos desta pesquisa: dissertação, produto impresso e virtual para serem depositados no PPMTUR, onde estarão à disposição para demais pesquisadores terem este como referência em futuros estudos acadêmicos; bem como o catálogo intitulado “Mãos que Trançam” que será apresentado junto a este documento.

## REFERÊNCIAS

- ALCADE, E. A.; LE BOURLEGAT, C. A.; CASTILHO, M. A. O papel dos agentes na comunidade de artesãos em Três Lagoas - MS, como instrumentos impulsionadores do desenvolvimento local. *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande*, v. 8, n. 2, p. 223-234, set. 2007.
- ALVES, N. M. S. **Análise Geoambiental e Socioeconômica dos municípios costeiros do Litoral Norte do estado de Sergipe**: diagnóstico como subsídio ao ordenamento e gestão do território. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, UFS, São Cristóvão, 2010.
- BENI, M. C. **Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e cluster**. Barueri, SP: Manole, 2012.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/tu000019.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_Cultural\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf). Acesso em: 17 mar. 2018.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Associação de Cultura Gerais. **Manual para o Desenvolvimento e a integração de atividades turísticas com foco na produção associada**. Brasília: Ministério do Turismo, 2011a. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/images/Manual\\_de\\_Producao\\_Associada\\_ao\\_Turismo.pdf](http://www.turismo.gov.br/images/Manual_de_Producao_Associada_ao_Turismo.pdf). Acesso em: 09 jan. 2018.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Diagnósticos e desafios: manifestações culturais. **Plano Nacional de Cultura**. 2011b. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/pnc/diagnosticos-e-desafios/manifestacoes-culturais>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Polo dos Coqueirais. **Revisão do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável**, Produto 5, Versão Final do PDITS, Brasília, DF: Technum Consultoria SS, abr. 2013. (Documento Técnico) 2.v. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/PDITS/SERGIPE/PDITS\\_POLO\\_COSTA\\_DOS\\_COQUEIRAIS.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/PDITS/SERGIPE/PDITS_POLO_COSTA_DOS_COQUEIRAIS.pdf). Acesso em: 12 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Biodiversidade**. 2017. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidadeaquatica/recursospesqueiros/periodos-de-defeso>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Entenda o que é cultura popular e suas manifestações. **Culturas Populares**. 2018. Disponível em: <https://culturaspopulares.cultura.gov.br/entenda-o-que-e-cultura-popular-e-suas-diferentes-manifestacoes/>. Acesso em: 20 mar. 2018.

- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei 13.123/2015**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13123.htm). Acesso em: 03 mar. 2019.
- BUCHY, M.; RAI, B. De-romanticising women-only community forest user groups in Nepal in resurrection (forthcoming). *In: RESURRECCION, B. P.; ELMHIRST, R. (Ed.) Gender and natural resource management: livelihoods, mobility and interventions*. London: Sterling, VA, 2008.
- CAMPOS, S. S. **Segmento do turismo**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.
- CARVALHO, H. C. B. de; CARON, D. Artesanato de caixeta em São Sebastião: sobrevivência de um sistema de produção tradicional. *In: Globalización y desarrollo rural en América Latina*. Recife: Imprensa Universitária UFPE, 2002.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 10. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2009. v.1.
- CLAVAL, P. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. *In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.
- COHEN, E. **Avaliação de projetos sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 234
- DENCKER, A. F. M. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 1998.
- DENCKER, A. F. M. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 2007.
- DRUMOND, M. A. **Licuri Syagrus coronata (Mart.) Becc.** Petrolina: Embrapa Semi-Árido, 2007. 16 p. (Embrapa Semi-Árido. Documentos, 199).
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FURTADO, R.; FURTADO, E. **A intervenção Participativa dos Atores – INPA: uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento local sustentável**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), 2000.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. O. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2008.
- GONZAGA, T. P. A. **Da arte ao ofício à produção de um lugar: O Alagamar, Pirambu (SE)**. 2009. 156 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009. Disponível em: <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/2201>. Acesso em: 03 fev. 2017.
- HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e sociedade**. São Paulo: Bontempo, 2002.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Geociências**. 2008. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual\\_nocoas/elementos\\_representacao.html](https://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/elementos_representacao.html). Acesso em: 04 fev. 2018.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo**. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 07 de mar. 2018.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatística**. 2016. Disponível em: [https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=149](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149). Acesso em: 07 de mar. 2018.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/pirambu/panorama>. Acesso em: 07 de mar. 2019.
- ICMBio. Instituto Chico Mendes. **Reserva biológica de Santa Isabel comemora seus 25 anos**. 2017. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/4508-reserva-biologica-de-santa-isabel-comemora-seus-25-anos>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- KASHIMOTO, E. M.; MARINHO, M.; RUSSEF, I. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande, v. 4, n. 4, p. 35-42, mar. 2002.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli *et al.* (Orgs.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 55-63.
- KUBRUSLY, M. E.; IMBRIOSI, R. **Desenho de fibra: artesanato têxtil no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC, 2011.
- MACEDO TABOSA, T. C. *Creando una propuesta de valor para los consumidores conscientes: productos artesanales solidarios de raíz y alma*, **Revista Artesanías de América**, Cuenca, Ecuador, n. 63-64, p. 5-40, jul. 2017. Disponível em: <http://documentacion.cidap.gob.ec:8080/handle/cidap/456>. Acesso em: 14 fev. 2018.
- MAFFESOLI, M. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 74.
- MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p.25-44. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/TURISMO\\_DE\\_BASE\\_COMUNITARIA.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/TURISMO_DE_BASE_COMUNITARIA.pdf). Acesso em: 03 fev., 2018.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTELETO, R. M.; SILVA, A. B. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p.41-49, set./dez. 2004. Disponível em: <https://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/518/472>. Acesso em: 17 fev. 2018.
- MARTINS, S. **Contribuição ao estudo científico do artesanato**. Belo Horizonte: Editora: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MIELKE, E. J. C. **Desenvolvimento turístico de base comunitária**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- NACIONES UNIDAS. **Cuenta satélite de turismo**: recomendaciones sobre el marco conceptual. Madrid: Naciones Unidas, 2008.
- NEVES, B. A. C. Patrimônio cultural e identidades. *In*: OLIVEIRA, M. J. C. de. **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003.
- OLIVEIRA, C. D. **As relações artesanais e o estímulo ao desenvolvimento local no Brasil, em Gouveia, MG e outras diferentes escalas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- PEREIRA, C. A. S. Produção das Políticas Públicas de Turismo. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 10, n. 2. p. 7-21 nov. 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PORTUGUEZ, A. P. **Agroturismo e Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.
- PROJETO TAMAR. **Pirambu**. 2011. Disponível em: <http://www.tamar.org.br/base.php?cod=26>. Acesso em: 17 fev. 2018.
- SANTOS, E. O.; SOUZA, M. (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri, SP: Manole, 2010. p. 2-22. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=545764>. Acesso em: 17 fev. 2018.
- SANTOS, J. F. **Povoado Alagamar: cultura e tradição**. 2010. Disponível em: <http://claudomirtavares.blogspot.com.br/2010/01/povoado-alagamar-cultura-e-tradicao.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- SANTOS, M. N. L. **Políticas territoriais de turismo: investimentos no Polo Costa dos Coqueirais, Sergipe, Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5447>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- SANTOS, T. S. *et al.* O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local. *In*: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA–SEGeT, 7., 2010, Resende, RJ. **Anais eletrônicos [...]** Resende, RJ: AEDB, 2010. p. 1-14. Disponível em: [https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/523\\_O%20Artesanato%20como%20elemento%20impulsionador%20no%20Desenvolvimento%20Local.pdf](https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/523_O%20Artesanato%20como%20elemento%20impulsionador%20no%20Desenvolvimento%20Local.pdf). Acesso em: 26 jan. 2018.
- SAQUET, M. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007



- SCHMIDT, I. B. **Etnobotânica e ecologia populacional de *Syngonanthus nitens***: sempreviva utilizada para artesanato no Jalapão, Tocantins. 2005. 91p. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://www.pgecl.unb.br/images/sampled/imagens/arquivos/dissertacoes/2000a2010/2005/Isabel%20Belloni%20Schmidt.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2018.
- SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sebrae em Sergipe**. 2004. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/uf/sergipe/acesse/projetos>. Acesso em: 07 jan. 2018.
- SEMINÁRIO DE ANÁLISE ESTRUTURAL DO TURISMO, 3., 2014, Brasília, DF. **Anais [...]** Brasília, DF.: CET/UnB.
- SILVA, F. A. B.; MIDLEJ. S. **Políticas públicas culturais: a voz dos gestores**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília: Ipea, 2011.
- SILVA, M. A. “Confeccionando” reflexões sobre o trabalho feminino artesanal. *In*: \_\_\_\_\_. (Org.). **Gênero, sexualidade, educação e conhecimento**. Pelotas: Editora da UFPel, 2011. p. 21-43.
- SILVA, M. A.; EGGERT, E. Descosturar o doméstico e a ‘madresposa’ – a busca da autonomia por meio do trabalho artesanal. *In*: EGGERT, E. (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 41-59.
- TANAJURA, L. L. C.; BEZERRA, A. A. C. Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 07, n. 13, p.10-23, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/408/pdf>. Acesso em: 30 jul., 2018.
- TAPIA, J. R. B. **Análise e avaliação de políticas públicas**. *In*: CURSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA. Belo Horizonte. Escola do Legislativo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Novembro, 1998.
- VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.
- VIAL, L. A. M.; SETTE, T. C. C.; SELLITTO, M. A. Cadeias Produtivas: foco na cadeia produtiva de produtos agrícolas. *In*: ENCONTRO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETO DO VALE DO ITAJAÍ. 3. Itajaí. 2009. **Anais [...]**, Itajaí, SC: ENSUS, 2009.
- VIEIRA, L. V. L.; DE ALMEIDA, M. G.; VILAR, J. W. C. Conflitos ambientais no litoral norte de Sergipe. *In*: VILAR, J. W. C.; VIEIRA, L. V. L. (Orgs.). **Conflitos ambientais em Sergipe**. Aracaju: IFS, 2014.
- VIGNATI, F. **Gestão de destinos turísticos: como atrair pessoas para pólos, cidades e países**. Rio de Janeiro: Ed. Senac, Rio de Janeiro, 2012.
- YAZIGI, Eduardo. A natureza como identidade espacial do turismo. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. (Eds.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

## APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista



### OURICURI, PRODUÇÃO ARTESANAL E TURISMO EM ALAGAMAR - PIRAMBU/SE

Mestranda: Silene Lazarito Alves

Orientador: Lício Valério Lima Vieira

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Comunidade do Povoado Alagamar

DATA DA APLICAÇÃO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### INFORMAÇÕES PESSOAIS

Entrevistado (a) nº: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Gênero: \_\_\_\_\_

Quanto tempo reside na comunidade? \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Por que veio morar aqui?

\_\_\_\_\_

Recebe algum tipo de benefício? ( ) Sim ( ) Não

Qual?

\_\_\_\_\_

Há quanto tempo?

\_\_\_\_\_

### HISTÓRICO E IDENTIDADE

1) Como você aprendeu o ofício de artesã(o)?

---

---

---

2) Sempre trabalhou com a palha do Ouricuri?

---

---

---

3) Gosta de exercer o trabalho de artesã(o)? Por quê?

---

---

---

4) O artesanato de Alagamar tornou este lugar mais conhecido? Por quê?

---

---

---

5) O que representa este lugar para a(o) senhora/senhor?

---

---

---

6) Gosta de ser chamada(o) de artesã(o)?    (    ) Sim    (    ) Não    - Por quê?

---

---

---

7) É importante preservar os recursos naturais deste lugar para sua vida e para seu trabalho como artesão?    (    ) Sim    (    ) Não    - Por que e como o faz?

---

---

---

### PRODUÇÃO ARTESANAL

1) Quais os materiais utilizados na produção do artesanato?

---

---

---

2) Como é o local de onde a(o) senhora/senhor retira a palha utilizada para fazer o artesanato? É propriedade pública ou particular?

---

---

---

3) Como é feita a retirada da palha?

---

---

---

4) A palha exige algum tratamento antes de ser usada? Qual(is)?

---

---

---

5) Quais técnicas e instrumentos utilizados para produzir o artesanato que a(o) senhora/senhor faz?

---

---

---

6) Quanto tempo utiliza para fazer cada peça?

---

---

---

7) Fez algum curso ou recebeu treinamento para aperfeiçoar e aprender novas técnicas de produzir e vender o artesanato? ( ) Sim ( ) Não - Quais entidades?

---

---

---

8) A(o) senhora(o) recebe algum tipo de ajuda (órgãos públicos e/ou privados) para fazer seu artesanato? Qual?

---

---

---

9) A comunidade possui Associação e/ou Cooperativa como forma de organização do coletivo de artesãs/artesãos?

---

---

---

10) Qual perfil de pessoa que vem comprar o artesanato?

---

---

---

11) Como são criados os modelos das peças?

---



---



---

### FAZENDO O ARTESANATO

1) Em qual local o artesanato é produzido? ( ) em casa ( ) na associação  
( ) casa do vizinho ( ) outros  
(descrever):\_\_\_\_\_

2) O trançado do artesanato é: ( ) individual ( ) em grupo

3) Alguém da sua casa também faz artesanato? ( ) Sim ( ) Não

4) Quem? ( ) marido ( ) filhos ( ) cunhado(a) ( ) genro ( ) nora ( ) tio(a) ( ) avô(ó) ( ) pais ( ) outros  
(descrever)\_\_\_\_\_

5) As pessoas que ajudam na produção do artesanato são remuneradas?  
( ) Sim ( ) Não - De que forma?

---



---



---

6) As pessoas que te ajudam na produção são:  
( ) parentes ( ) vizinhos ( ) amigos ( ) outros  
(descrever)\_\_\_\_\_

---



---

7) Você tem outra fonte de renda? ( ) Sim ( ) Não - Se sim, qual?\_\_\_\_\_

8) A renda que você obtém com a venda do artesanato é suficiente para sustentar a sua família? ( ) Sim ( ) Não

### COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS

1) Para onde e para quem vende artesanato:  
( ) feiras ( ) mercados ( ) lojas ( ) atravessadores ( ) eventos turísticos  
( ) entidades/órgãos públicos ( ) outros  
(descrever)\_\_\_\_\_

---



---

2) É costumeiro ter pedido de encomenda? ( ) Sim ( ) Não  
Qual a periodicidade? ( ) semanal ( ) mensal ( ) semestral ( ) outros  
(descrever)\_\_\_\_\_

---

---

---

3) Como a(o) senhora/senhor divulga seu produto?

---

---

---

4) O que a(o) senhora/senhor faz para vender suas peças?

---

---

---

5) Como a(o) senhora/senhor define o preço das peças?

---

---

---

6) Quais as dificuldades na comercialização?

---

---

---

### **QUESTÃO GERAL**

Como a(o) senhora/senhor define o artesanato da palha do Ouricuri?

---

---

---

## APÊNDICE 2 – Roteiro de Observação



### ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Observação: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_

A observação também é considerada uma coleta de dados para conseguir informações sob determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (LAKATOS, 1996:79).

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/%2018027/16976>. Acesso em: 09 set., 2018 às 02h01

Observar e anotar como acontece nos seguintes quesitos abaixo discriminados:

#### 1) PRÁTICAS DESENVOLVIDAS PARA A REALIZAÇÃO DA COLETA DA MATÉRIA-PRIMA

- i) Informações da localidade;
- ii) Quem realiza a coleta da matéria-prima;
- iii) Como é realizada essa coleta;
- iv) Tipos de ferramentas utilizadas na coleta;
- v) Quais tipos de problemas são encontrados;
- vi) As condições existentes: climáticas, sociais, financeiras, culturais.

#### 2) PROCESSO DE FABRICAÇÃO

- i) Quem produz o artesanato;
- ii) Conhecimento e aprendizado desse artesanato, período de iniciação da habilidade do ofício de artesanato;
- iii) Qual a forma adotada para o registro dos produtos;
- iv) Quais moldes dos produtos;
- v) Qual o tempo produção, por peça ou encomenda.

### 3) FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO

- i) Quem são os clientes;
  - ii) Onde os produtos artesanais são comercializados;
  - iii) A fórmula adotada para determinar o preço;
  - iv) O quantitativo normalmente colocado à venda;
  - v) O período entre cada entrega de mercadoria.
- 

### 4) CRENÇAS E COSTUMES DA COMUNIDADE

- i) Qual envolvimento dos antepassados na aprendizagem do ofício;
  - ii) Quais práticas culturais agregam valor durante o processo do feitiço artesanal;
  - iii) A comunidade tem manifestações folclóricas e/ou religiosas;
  - iv) De que maneira é possível descrever sobre os saberes do ofício de artesão;
  - v) Existe continuidade das crenças e costumes como forma de respeito à memória dos entes queridos.
-



### APÊNDICE 3 – Carta de Anuência para Autorização de Pesquisa



Excelentíssimo Senhor  
Prefeito do Município de Pirambu - SE

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada "OURICURI, PRODUÇÃO ARTESANAL E TURISMO EM ALAGAMAR – PIRAMBU/SE" a ser realizada na comunidade Alagamar, pela aluna *Silene Lazarito Alves*, do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe - IFS, sob orientação do Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira, com o seguinte objetivo: Elaborar um catálogo promocional e turístico da diversidade da produção comunitária das artesãs do povoado Alagamar, em Pirambu/SE, necessitando, portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos na comunidade, através de oficina, entrevistas, fotos, vídeos e pesquisa documental e bibliográfica da comunidade e prefeitura municipal de Pirambu. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta comunidade conste no relatório final, bem como futuras publicações em eventos e periódicos científicos em âmbito nacional e internacional.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), que trata da pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados **serão mantidos permanentemente em um banco de dados de pesquisa, com acesso restrito, para utilização em pesquisas futuras.**

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho da comunidade Crasto, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.

Local: Pirambu, 15 de Agosto de 2018.

*Silene Lazarito Alves*

Silene Lazarito Alves  
Pesquisadora Responsável pelo Projeto

Concordamos com a solicitação       Não concordamos com a solicitação

*[Assinatura]*  
\_\_\_\_\_  
Prefeito de Pirambu - SE

## APÊNDICE 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)



Programa de Pós Graduação  
de Mestrado Profissional  
em Turismo



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM  
TURISMO**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO – TCLE

Este termo foi elaborado de acordo com as Normas da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O(a) Senhor(a) está sendo convidado a participar voluntariamente do projeto de pesquisa intitulada “OURICURI PRODUÇÃO ARTESANAL E TURISMO EM ALAGAMAR” e está sendo desenvolvida por Silene Lazarito Alves, do Mestrado Profissional em Turismo no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe, sob a orientação do Professor Lício Valério Lima Vieira.

O objetivo da pesquisa é elaborar um catálogo promocional e turístico da diversidade da produção comunitária das artesãs do povoado Alagamar, em Pirambu/SE, na perspectiva de fundamentar a importância do turismo junto a produção do artesanato da fibra vegetal da palmeira do Ouricuri. A pesquisa é parte do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Turismo - PPMTUR do Instituto Federal de Sergipe - IFS. A importância do presente estudo se dá na medida em que abordará um tema de extrema relevância com vistas a sustentabilidade sociocultural, e aponta a necessidade de assegurar os valores, as práticas e a diversidade cultural da comunidade acolhedora. Assim como, a sua integração com a antropologia, sociologia, cultura e sobretudo o turismo. A prospectiva desse estudo é contribuir para que a comunidade estudada seja fortalecida para se relacionar com o turismo a partir de seus saberes e fazeres artesanais. E que estes referendem o artesanato como atrativo turístico da localidade.

A sua contribuição consistirá em responder ao questionário direcionado a população local, sobre os aspectos: informações pessoais, histórico e identidade, produção artesanal, fazendo o artesanato, comercialização dos produtos e uma questão geral, todas relacionadas a comunidade local. O questionário terá como duração média 1h 30m (uma hora e trinta minutos), e será aplicado durante uma oficina, que consiste na apresentação dos participantes, aplicação do questionário e discussão sobre as atividades relacionadas ao fazer artesanal e o turismo no local. A aplicação dos questionários poderá ser gravada mediante a utilização de um gravador e logo depois serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o pesquisador e seus orientadores, ou seja, os dados ficarão sob sigilo da equipe de pesquisa. Enfim, qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Em relação aos riscos da pesquisa, é que a mesma pode ser divulgada de forma não intencional (por exemplo: vírus no computador, perda de documento), ou pode haver algum desconforto em relação às questões realizadas durante a oficina, relacionadas à vivência da comunidade. Como forma de minimizar os riscos a pesquisadora se compromete em manusear as informações, utilizando-o apenas em computadores com

**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM  
TURISMO**

antivírus, seja da instituição ou próprio. Os questionários serão aplicados em local que privilegie o participante, deixando-o o mais confortável possível.

O roteiro de entrevistas será guardado junto à equipe executora e ficará disponível para o(a) senhor(a) a qualquer momento, num período máximo de cinco anos. Os dados coletados serão utilizados somente para os fins dessa pesquisa e serão tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Local da pesquisa, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora



Polegar Direito

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Silene Lazarito Alves, Telefone: (79) 9 9981- 4047 ou para o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe – Endereço: Prédio da Reitoria do IFS – 2º Andar - Avenida Jorge Amado, 1551 - Loteamento Garcia Bairro Jardins - Aracaju / Sergipe. CEP: 49025-330. E-mail: cep@ifs.edu.br  
Campus I – Fone: 79 3711-1422



## APÊNDICE 5 – Lista de Presença



**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Sergipe

Programa de Pós Graduação  
de Mestrado Profissional  
em Turismo



### REALIZAÇÃO DE OFICINA Lista de Presença

1. Marilena Pereira da Silva
2. Célia Gonçalo Santos
3. Maria Doralice dos Santos Hora
4. Silviane dos Santos
5. José de Jesus Andrade
6. Maria Denize dos Santos
7. Azevêdo Cândida da Amuniação Santos
8. Maria Lenilza dos Santos
9. Jeissona dos Santos
10. Jônica do Nascimento
11. Griselda de Jesus Andrade
12. Wanne Caroline dos Santos
13. Gláucia dos Santos Silva
14. Luciana dos Santos
15. Edivânia da Silva Fernandes Santos
16. Denize dos Santos

19. Damiana da Silvasantos
20. Neuge dos Santos
21. Jéise Cláudia dos Santos
22. Ynamiel de A. Santos
23. Gilvânia Batista dos Santos
24. Sônia dos Santos
25. Alfredo dos Santos
26. Adenis Nascimento Santos
27. Cynthia Carine dos Santos